



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS/ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA

HERNANDES BAIA PIRES

**LA OBRA *AURA* DE CARLOS FUENTES Y SUS CONTRIBUCIONES EN LA  
CONSTITUCION DE LA IDENTIDAD DE LOS APRENDIENTES DE E/LE**

ABAETETUBA

2021

HERNANDES BAIA PIRES

**LA OBRA *AURA* DE CARLOS FUENTES Y SUS CONTRIBUCIONES EN LA  
CONSTITUCION DE LA IDENTIDAD DE LOS APRENDIENTES DE E/LE**

Trabajo de Conclusión de Curso presentado para la obtención de grado de Licenciatura Plena en Letras – Lengua Española por la Facultad de Ciencias del Lenguaje (FACL), del Campus Universitario de Abaetetuba de la Universidad Federal del Pará (UFPA)

Supervisora: Prof<sup>a</sup> Ma. Lorena Lopes de Freitas  
Co-Supervisora: Prof<sup>a</sup> Esp. Maria José Sousa Lima

ABAETETUBA

2021

HERNANDES BAIA PIRES

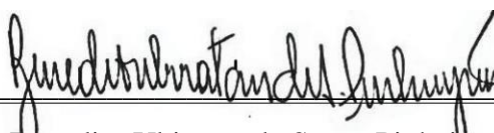
**LA OBRA AURA DE CARLOS FUENTES Y SUS CONTRIBUCIONES EN LA  
CONSTITUCION DE LA IDENTIDAD DE LOS APRENDIENTES DE E/LE**

Trabajo de Conclusión de Curso presentado para la obtención de grado de Licenciatura Plena en Letras – Lengua Española por la Facultad de Ciencias del Lenguaje (FACL), del Campus Universitario de Abaetetuba de la Universidad Federal del Pará (UFPA)

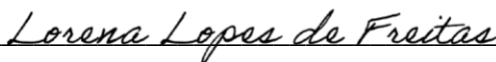
Supervisora: Prof<sup>a</sup> Ma. Lorena Lopes de Freitas  
Co-Supervisora: Prof<sup>a</sup> Esp. Maria José Sousa Lima

Fecha de aprobación: 11/06/2021.

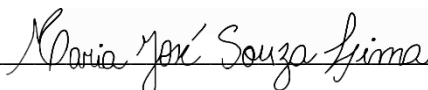
Banca examinadora



Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Júnior



Prof<sup>a</sup> Ma. Lorena Lopes de Freitas



Prof<sup>a</sup> Esp. Maria José Souza Lima

ABAETETUBA

2021

*Ao Eterno;  
Aos meus pais;  
A família que eu escolhi para mim.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre se fazer presente em minha vida através de seres humanos excepcionais, mostrando que tudo sempre está em suas mãos e principalmente, agradeço por Ele me conduzir ao caminho onde eu pude me encontrar.

Agradeço aos meus pais, Eliane e Raimundo, por tudo que enfrentaram para me conceder suporte para que eu chegasse até aqui e por sempre apoiarem meus objetivos; aos meus irmãos, Rayane e Railso, aos meus tios, Ana Selma e Miqueias Pires e as minhas primas Missandra, Mirlene e Eloane por me incentivarem na carreira acadêmica.

Agradeço, de forma extremamente especial, aos meus amigos Luciele Silva, Cleiton Cordeiro, Eva Oliveira e Estefany Soares. Sem o apoio, ajuda, e incentivo de cada um de vocês eu não teria conseguido. Sou grato por cada momento da vida que pude ter a honra de compartilhar com vocês, sendo este a materialização de mais um. Agradeço por não desistirem de mim, por acreditarem em meu potencial e por sempre me transmitirem forças, compreensão, amor e sorrisos. Amo vocês, sempre e para sempre.

Agradeço a Samara Belém que durante estes quatro anos de graduação esteve ao meu lado, dando forças, incentivando e apoiando cada passo dado. Nas pessoas de Taynara Araújo e Ingrid Cardoso quero agradecer aos colegas que participaram da minha jornada durante seu tempo na turma de Espanhol 2017, sempre os levarei comigo. Nas pessoas de Raildo Mendes, Darlene Nobre e Priscila Cardoso, eu agradeço a todas as amizades que encontrei e reforcei, lugares que pude ir e situações que vivenciei durante meu tempo na UFPA.

Agradeço nas pessoas de Heverton Pantoja Ruan Ingliton, aos que, independentemente do tempo de amizade me apoiaram, me incentivaram, acreditaram em mim; vocês foram expoentes imprescindíveis para este feito. E nas pessoas de Cristina Viegas, José Casseb e Deise Paiva eu agradeço a todos quantos participaram da minha jornada – mesmo que indiretamente.

Agradeço aos alunos das turmas de 2017 e 2018 de Letras – Língua Espanhola da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba por suas contribuições com esta pesquisa.

Agradeço ao corpo docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba, na pessoa da Prof<sup>a</sup> Lorena Freitas (orientadora), por compartilharem comigo seus conhecimentos em língua espanhola, moldando assim, a identidade que hoje detenho.

E por fim, agradeço a minha coorientadora Prof<sup>a</sup> Maria Lima por seu cuidado, carinho, dedicação em ensinar-me, votos de confiança e críticas construtivas. És meu exemplo.

## RESUMEN

El presente estudio objetiva identificar, en la obra *Aura* de Carlos Fuentes, cargas de identidad – histórica, social y/o cultural – que puedan influir en la constitución identitaria de un/a aprendiz de español como lengua extranjera (E/LE) y, con la finalidad de lograrlo, la organización de esta pesquisa es la siguiente: inicialmente construimos una comprensión de lo que es identidad o, mejor dicho, discutimos sobre los escritos de Hall (2006), Woodward (2003) y Da Silva (2003) bajo la perspectiva de la identidad como parte de la constitución del sujeto y como mutable en el periodo de la postmodernidad; en seguida hablamos de literatura en lo que dice respecto a su concepción según Culler (1999) y Eagleton (1998) y luego tratamos de profundizarnos en la literatura de Hispano América. Bajo las aportaciones de Peña (2018), Fuente (2005) y Ángel Rama (1982 apud ROJO, 2001) mencionamos, los rasgos identitarios que las obras literarias de Hispano América demarcan desde una mirada cultural, periodizada y temática; tras eso, teorizamos, apoyados por Carranza (2016), sobre la relación existente entre la literatura y la constitución identitaria de todos/as los/as que tienen contacto con obras literarias cargadas de singularidades que pueden actuar como agentes desplazadores y también discutimos sobre la tesis de Freitas (2020) donde la capacidad de la literatura en influenciar la constitución identitaria de un grupo de aprendices de E/LE, a nivel de graduación, fue comprobada bajo una pesquisa etnográfica, que es una de nuestras bases principales; tras eso mencionamos al escritor mexicano Carlos Fuentes y las representaciones identitarias presentes en sus escritos puesto que estos datos son imprescindibles para que podamos analizar las cargas de identidad que el autor transpone en sus obras; posteriormente, tratamos de la obra *Aura* de Carlos Fuentes, más específicamente, explicamos los motivos de la elección de *Aura*, de Carlos Fuentes, como nuestro objeto de estudio y analizamos trechos de esta en que se demarcan elementos de la identidad mexicana – en los ámbitos histórico, social y cultural – capaces de actuar como agentes del “desplazamiento” de la identidad de un/una aprendiz de E/LE y eso comprobamos bajo los resultados de la entrevista realizada con los grupos de 2017 y 2018 de estudiantes de del curso del profesorado de la Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba. Y, por fin, en nuestras consideraciones finales del trabajo aportamos que las identidades de los/as estudiantes que participaron de la entrevista demarcan cambios en su constitución identitaria cuyo origen se ubica en el contacto con la literatura hispanoamericana y las cargas identitarias que estas poseen. Sin embargo también destacamos que identidad no es algo fijo y que este hecho nos hace conscientes de que la obra *Aura*, de Carlos Fuentes, representa apenas uno de los agentes de cambios identitarios con los cuales los/as aprendices de español como lengua extranjera entran en contacto a lo largo de su proceso de formación.

**Palabras-clave:** Identidad; Constitución identitaria; Literatura hispanoamericana; *Aura*.

## RESUMO

O presente estudo objetiva identificar, na obra *Aura* de Carlos Fuentes, cargas de identidade – histórica, social e/ou cultural – que possam influenciar na constituição identitária de um/a aprendiz de espanhol como língua estrangeira (E/LE) e, com a finalidade de alcançá-lo, a organização desta pesquisa é a seguinte: inicialmente construímos uma compreensão do que é identidade ou, melhor dizendo, discutimos sobre os escritos de Hall (2006), Woodward (2003) e Da Silva (2003) sob a perspectiva da identidade como parte da construção do sujeito y como mutável no período da pós-modernidade; em seguida falamos da literatura no que diz respeito a sua concepção segundo Culler (1999) e Eagleton (1998) e logo tratamos de nos aprofundar na literatura Hispano Americana. Conforme os aportes de Peña (2018), Fuente (2005) e Ángel Rama (1982 apud ROJO, 2001) mencionamos, as características identitárias que as obras literárias hispano-americanas demarcam desde uma visão cultural, periodizada e temática; depois disso teorizamos, apoiados por Carranza (2016), sobre a relação existente entre a literatura e a constituição identitária de todos/as os/as que tem contato com obras literárias carregadas de singularidades que podem atuar como agentes descentradores e também discutimos sobre a tese de Freitas (2020) onde a capacidade da literatura de influenciar a constituição identitária de um grupo de aprendizes de E/LE, a nível de graduação, foi comprovada por uma pesquisa etnográfica, que é uma de nossas bases principais; após isso mencionamos o escritor mexicano Carlos Fuentes e as representações identitárias presentes em seus escritos já que estes dados são imprescindíveis para que possamos analisar as cargas de identidade que o autor transpõe em suas obras; posteriormente, tratamos da obra *Aura* de Carlos Fuentes, como nosso objeto de estudo y analisamos trechos desta em que se demarcam elementos da identidade mexicana – nos âmbitos histórico, social e cultural – capazes de atuar como agentes do “descentramento” da identidade de um/a aprendiz de E/LE e isso comprovamos pelos resultados da entrevista realizada com as turmas de 2017 e 2018 de estudantes do curso de licenciatura da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba. E, finalmente, em nossas considerações finais do trabalho aportamos que as identidades dos/as estudantes que participaram da entrevista demarcam mudanças em sua constituição identitária cuja origem se localiza no contato com a literatura hispano-americana e as cargas identitárias que estas possuem. Todavia, também destacamos que a identidade não é algo fixo e que esse fato nos faz conscientes de que a obra *Aura* de Carlos Fuentes, representa apenas um dos agentes de mudanças identitárias com os quais os/as aprendizes de espanhol como língua estrangeira entram em contato ao longo de seu processo de formação.

**Palavras-chave:** Identidade; Constituição identitária; Literatura hispano-americana; *Aura*.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUCCIÓN.....</b>	<b>8</b>
<b>2. LA CUESTIÓN DE LA IDENTIDAD .....</b>	<b>10</b>
<b>3. IDENTIDAD Y LITERATURA HISPANOAMERICANA.....</b>	<b>14</b>
<b>4. CONSTITUCIÓN IDENTITARIA POR MEDIO DE LA LITERATURA .....</b>	<b>19</b>
4.1. Identidades influenciadas por la literatura .....	21
<b>5. CARLOS FUENTES Y LA MEXICANIDAD DE SUS ESCRITOS .....</b>	<b>25</b>
<b>6. AURA, DE CARLOS FUENTES .....</b>	<b>26</b>
6.1. <i>Aura</i> – análisis identitario: la pesquisa .....	28
6.2. <i>Aura</i> – análisis identitario: los resultados .....	31
<b>7. CONCLUSIÓN.....</b>	<b>38</b>
<b>8. REFERENCIAS .....</b>	<b>40</b>
<b>9. ANEJOS .....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUCCIÓN

El momento histórico que estamos vivenciando está a moldar la manera como nosotros percibimos el mundo en nuestro rededor. Eso porque, desde fines del siglo pasado, el Movimiento de la Postmodernidad y el Proceso de Globalización han influido de manera significativa en el cotidiano de cada individuo y la razón de eso es que el Postmodernismo defiende la hibridación y la Globalización propicia, en el ámbito mundial, una interconexión entre los aspectos económicos, políticos, tecnológicos, sociales y culturales.

De este modo, creemos que estos hechos acabaron por influir los escritos de Hall (2006) donde él afirma que las viejas identidades están en decaigo y las nuevas – identidades – en emergencia y que esta “crisis de identidad”, en las sociedades modernas, está desplazando sus estructuras y procesos centrales. En complemento a esto, Pérez Gómez (2001) nos ubica dentro de los espacios educativos cuando habla que estos son palcos del entrecruzamiento de la cultura.

Teniendo en cuenta eso, es importante que pensemos en el contexto del proceso de enseñanza/aprendizaje de lenguas adicionales bien como en los docentes y discentes que componen este proceso puesto que él implica en un “choque” cultural e identitario entre dos lenguas que envuelve al ámbito colectivo e individual. Tomando por base el Español como Lengua Extranjera (E/LE), hacemos cargo de las aportaciones de Freitas cuando nos dice que:

Estudiar cultura es estudiar las formas simbólicas, estudiar identidad es estudiar la manera en que las formas simbólicas se ponen en movimiento en la interacción para la construcción de una autoimagen de una narrativa personal, de la misma manera que la identidad colectiva o cultural, existe una movilización de algunas de las formas simbólicas presentes en la cultura para hacer un discurso bien colectivo. (FREITAS, 2020, p. 91, nuestra traducción)<sup>1</sup>.

Por lo tanto, el campo científico donde estamos a situarnos es el de los estudios culturales, campo este cuya definición, según Grossberg (2009), no es una tarea sencilla. Todavía, con el intuito de situarnos mejor en este contenido, asumimos que los Estudios Culturales acabaron por surgir como producto de una “insatisfacción producida por las otras disciplinas, no solo debido a sus contenidos, sino a los límites que imponían por el hecho mismo de ser disciplinas diferentes. Los Estudios Culturales, en ese sentido, son posdisciplinares” (JAMESON, 2016, p. 9).

Por este motivo, involucramos lo que hasta ahora hemos visto con la literatura puesto que “para que la obra literaria exista y sea dotada de cierto funcionamiento es necesario que

---

<sup>1</sup> Estudar cultura é estudar as formas simbólicas, estudar identidade é estudar a maneira em que as formas simbólicas são movimentadas na interação para a construção de uma autoimagem de uma narrativa pessoal, da mesma forma que na identidade coletiva ou cultural, existe uma mobilização de algumas das formas simbólicas presentes na cultura para fazer um discurso bem coletivo. (FREITAS, 2020, p. 91).

exista, también, un intercambio de valores entre el autor y sus lectores” (Carranza, 2016, p. 6). En este sentido, se hace propicio cuestionarnos sobre la capacidad que los textos literarios, y de manera más restricta – por así decir – la literatura hispanoamericana, posee de contribuir con la constitución identitaria de un/una aprendiente de lenguas adicionales (en este caso del español).

Así que, con el planteo de arriba como punto de partida, el presente estudio objetiva identificar, en la obra *Aura* de Carlos Fuentes (ver anejo A), cargas de identidad – histórica, social y/o cultural – que puedan influir en la constitución identitaria de un/a aprendiente de E/LE. De manera específica, este trabajo busca consolidarse bajo cuatro puntos esenciales: 1) Identificar el concepto de Identidad; 2) Comprender los rasgos identitarios presentes en la literatura latinoamericana; 3) Demarcar que la literatura influye en la constitución identitaria de estudiantes de E/LE; 4) Comprobar, tras una pesquisa cualitativa, que la obra *Aura* de Carlos Fuentes puede influir en la constitución identitaria de aprendientes de E/LE.

Bajo eso, la organización de esta pesquisa es la siguiente: inicialmente construimos una comprensión de lo que es identidad o, mejor dicho, discutimos sobre los escritos de Hall (2006), Woodward (2003) y Da Silva (2003) bajo la perspectiva de la identidad como parte de la constitución del sujeto y como mutable en el periodo de la postmodernidad, en razón – principalmente – de la Globalización y de sus avances en los distintos campos sociales, donde el contacto con el otro acaba por “desplazar” el concepto que alguien asume de sí mismo.

En seguida hablamos de literatura en lo que dice respecto a su concepción según Culler (1999) y Eagleton (1998) y luego tratamos de profundizarnos en la literatura de Hispano América. Bajo las aportaciones de Peña (2018), Fuente (2005) y Ángel Rama (1982 apud ROJO, 2001) mencionamos, a los rasgos identitarios que las obras literarias de Hispano América demarcan desde una mirada cultural, periodizada y temática y aún hacemos alusión al “Boom latinoamericano” y su importancia histórica en el ámbito literario.

Tras eso, teorizamos, apoyados por Carranza (2016), sobre la relación existente entre la literatura y la constitución identitaria de todos/as los/as que tienen contacto con obras literarias cargadas de singularidades que pueden actuar como agentes desplazadores. También discutimos sobre la tesis de Freitas (2020) donde la capacidad de la literatura en influenciar la constitución identitaria de un grupo de aprendientes de E/LE, a nivel de graduación, fue comprobada bajo una pesquisa etnográfica, que es una de nuestras bases principales.

Luego mencionamos a Carlos Fuentes (anejo B) y las representaciones identitarias presentes en sus escritos y, posteriormente, explicamos los motivos de la elección de *Aura* como nuestro objeto de estudio y analizamos trechos de esta en que se demarcan elementos de la identidad mexicana – en los ámbitos histórico, social y cultural – capaces de actuar como

agentes del “desplazamiento” de la identidad de un/una aprendiente de E/LE y eso comprobamos bajo los resultados de la entrevista (anexo C) realizada con los grupos de 2017 y 2018 de estudiantes de del curso de grado de la *Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba*.

Y, por fin, en nuestras consideraciones finales del trabajo aportamos que las identidades de los/as estudiantes que participaron de la entrevista demarcan cambios en su constitución identitaria cuyo origen se ubica en el contacto con la literatura hispanoamericana y las cargas identitarias que estas poseen. Sin embargo también destacamos que identidad no es algo fijo y que este hecho nos hace conscientes de que la obra *Aura*, de Carlos Fuentes, representa apenas uno de los agentes de cambios identitarios con los cuales los/as aprendientes de español como lengua extranjera entran en contacto a lo largo de su proceso de formación.

## 2. LA CUESTIÓN DE LA IDENTIDAD

Para que sea posible tratar de la *Identidad* desde su punto de vista social, académico y variable – que es el objetivo de este trabajo – necesitamos comprender a que estamos refiriéndonos cuando hablamos de este término. De este modo, el diccionario Señas (2010) conceptualiza esta palabra como un “conjunto de características que permiten distinguir a un individuo o a un elemento entre un conjunto”. A su vez, el diccionario en línea de la Real Academia Española (RAE) conceptualiza este vocablo como un “conjunto de rasgos propios de un individuo o de una colectividad que los caracterizan frente a los demás” y como la “conciencia que una persona o colectividad tiene de ser ella misma y distinta a las demás”.

Con eso, notamos que la *Identidad* no se ubica únicamente en el campo individual o colectivo, sino que en los dos simultáneamente pues, según Freitas (2020), no se puede tratar las personas como que aisladas y contrarias al mundo social en razón de que, nosotros, como individuos nos constituimos y definimos a través de nuestras relaciones sociales y la sociedad se (re)produce y se cambia por acciones individuales. Además de eso, la autora aun menciona que la singularidad personal es formada por la colectividad (profesiones, nacionalidad, etnia, clase y género) las cuales, a su vez, no pueden existir sin los individuos que las componen.

Ya comprendida la etimología de la palabra, pasamos ahora para una comprensión del término desde el punto de vista científico y analítico. Es decir, necesitamos tener una mirada sobre la *Identidad* que haga un trayecto histórico sobre sus aportaciones y cuya finalidad es demarcar que, en acuerdo con el periodo social, las concepciones de expresión también se cambian, sufren alteraciones. En este sentido, Hall (2006) nos presenta a tres concepciones de

identidad, la cuales dicen respecto a la concepción del sujeto iluminista, la concepción del sujeto sociológico y la concepción del sujeto postmoderno:

La concepción del sujeto iluminista es aquella basada en un individuo totalmente centrado y unificado poseedor de conciencia y de acción, cuyo centro consistía en un núcleo interior emergente en el nacimiento y que se desarrollaba a lo largo de su existencia aun que viniera a mantenerse como el mismo con el pasar del tiempo. El sujeto iluminista tenía como esencia del “yo” la identidad de una sola persona lo que es algo individualista y patriarcal cuando pensamos que el sujeto del iluminismo generalmente era descrito como masculino.

El sujeto sociológico, a su vez, tenía una concepción comprendiente de que el núcleo interior del sujeto no consistía en la autonomía y en la autosuficiencia, sino que se formaba en el contacto, en la interacción con los demás miembros de su comunidad. Dicha interacción permitía que sucediera una mediación de valores, significados y símbolos entre los individuos de una comunidad formando, de esta manera, su cultura, o sea, el individuo aun detiene un “yo real” pero este acaba por ser modificado bajo influencias de mundos e identidades exteriores.

La última de las concepciones de Hall (2006) es la del sujeto postmoderno que es caracterizado como no poseedor de una estructura identitaria fija, esencial o permanente pues esta es formada y transformada por la relación que tenemos con todo lo que nos cerca. Por eso, al paso que los sistemas de significación y representación cultural se van multiplicando y nuestra exposición a ellos también, nosotros acabamos por asumir distintas identidades en distintos momentos y esta son entendidas no biológicamente, sino que históricamente.

En este aspecto, comprendemos que la concepción del sujeto postmoderno es la que traduce a los individuos de la contemporaneidad y también caracteriza lo que Hall (2006) y Woodward (2003), en el transcurso de sus escritos, discuten y nombran como *Crisis de identidad* a respecto de la cual algunos autores “argumentan que [...] son características de la modernidad tardía y que su centralidad actual solo tiene sentido cuando se ve en el contexto de las transformaciones globales que se han definido como características de la vida contemporánea” (GIDDENS, 1990, apud. WOODWARD, 2003, p. 20)<sup>2</sup>.

Así que Hall (2006) destaca que esta crisis es percibida “como parte de un proceso más amplio de cambios, que está desplazando las estructuras y procesos centrales de las sociedades modernas y sacudiendo los marcos de referencia que daban a los individuos un anclaje seguro

---

<sup>2</sup> “argumentam que [...] são características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea (GIDDENS, 1990, apud. WOODWARD, 2003, p. 20)

en el mundo social” (HALL, 2006, p. 7, nuestra traducción)<sup>3</sup>. El autor aún aporta que la crisis está relacionada con lo que él llama de “desplazamiento o descentralización del sujeto” que se puede tratar como la pérdida del sentido de uno mismo. (HALL, 2006, p. 9).

A su vez, Woodward (2003) nos informa que *Identidades y Crisis de identidad* son vistas, por sociólogos y teóricos, como rasgos de las sociedades contemporáneas, y por eso la autora acaba por realizar un examen de la Globalización y de los procesos/transformaciones globales como cuestiones históricas, cambios sociales y movimientos políticos en razón de que estos son los contextos que caracterizan la vida contemporánea. Dicho examen comprueba que “La globalización envuelve una interacción entre factores económicos y culturales, provocando cambios en los patrones de producción y consumo, los cuales producen identidades nuevas y globalizadas” (WOODWARD, 2003, p. 21, nuestra traducción)<sup>4</sup>.

Con el fin de clarificar su afirmación a respecto de estas nuevas constituciones identitarias, Woodward (2003) menciona a los “consumidores globales” caracterizados por la investigadora como “un grupo [...] que se pueden encontrar en cualquier parte del mundo y que casi no se distinguen entre sí” (WOODWARD, 2003, p. 21, nuestra traducción)<sup>5</sup> y a estos ejemplifica en sus escritos al mencionar a los jóvenes que suelen comer hamburguesas en establecimientos como McDonald’s y que acostumbran caminar por la calle oyendo canciones en sus Walkmans.

Con eso, lo que nosotros podemos identificar es que la *Crisis de identidad* de que hablan los autores de arriba, involucrase al fin y al cabo con lo que Hall (2006) nombra de “desplazamiento”, o sea, la crisis gana e/o conquista su espacio a medida en que la constitución identitaria sufre influencias desde distintos ámbitos (social, histórico, geográfico, etc.). Según Woodward (2003) y desde el punto de mirada de la homogeneización que promueva la globalización, estas modificaciones acaban por ocurrir en dos ámbitos: uno dice respecto al reforzamiento de la identidad en cuanto que el otro trata del surgimiento de nuevas:

La globalización, sin embargo, produce distintos resultados en términos de identidad. La homogeneidad cultural promovida por el mercado global puede llevar a un aislamiento de la identidad relativa a la comunidad y la cultura local. Alternativamente, puede generar resistencias que puedan fortalecer y reafirmar algunas identidades nacionales y locales o conducir al surgimiento

---

<sup>3</sup> [...] como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7)

<sup>4</sup> “A globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (WOODWARD, 2003, p. 21)

<sup>5</sup> “um grupo [...] que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo e que mal se distinguem entre si” (WOODWARD, 2003, p. 21)

de nuevas posiciones de identidad. (WOODWARD, 2003, p. 21, nuestra traducción)<sup>6</sup>.

Silva (2019), en sus escritos se refiere a esta temática, como “consecuencias” de la globalización y aun refuerza el declive o, mejor dicho, la transmutación de “identidades nacionales en nuevas identidades, ahora híbridas” (SILVA, 2019, p. 5, nuestra traducción)<sup>7</sup>. Este hecho Da Silva (2003) ejemplifica con la expresión “soy brasileño” que demarca una singularidad personal (individual) bien como la pertenencia a una comunidad (colectivo) la cual, en la postmodernidad, se interconecta con la globalización y, de este modo, también se encuentra involucrado con todo lo ya visto de esta.

Con lo de arriba podemos percibir que la *Diferencia* es algo que se encuentra muy conectado con “características que permiten distinguir a un individuo o a un elemento entre un conjunto” Señas (2010) y eso se debe, según Woodward (2003), al hecho de que la diferencia tiene su sustentabilidad en la exclusión del “otro”. Por ejemplo, al afirmar “soy brasileño” alguien está excluyendo la posibilidad de pertenecer a otra nacionalidad cualquiera.

Eso se firma en la característica que posee la identidad de configurarse como “un proceso de construcción del sujeto históricamente posicionado” (PIMENTA, 2000, p. 18, nuestra traducción)<sup>8</sup>; con eso tenemos que, mismo que estas sean mutables el “yo real”, como dice Hall (2006), perdura y es el punto de partida de las diferencias identitarias que, a su vez, son los medios de constitución de la identidad individual.

Por supuesto que, la discusión que desarrollamos hasta ahora tuvo el objetivo primordial de convertir a nosotros, desde una mirada crítica, en sujetos conscientes de que es complejo tratar de esta temática y que ella despierta debates, reflexiones y discusiones en su entorno puesto que esta, según Castellón y Araos (1999 apud. TORRES, 2006, p. 2) "remite a una noción de nosotros mismos, en función o en comparación con otros que no son como nosotros [...], que no tienen ni las mismas costumbres, hábitos, valores, tradiciones o normas". Así pues, la *identidad* como objeto de estudio se puede “resumir” en las siguientes palabras:

[...] no es fija, estable, coherente, unificada, permanente. Tampoco la identidad es homogénea, definitiva, acabada, idéntica, trascendental. Por otro lado, podemos decir que la identidad es una construcción, un efecto, un proceso de producción, una relación, un acto performativo. La identidad es inestable, contradictoria, fragmentada, inconsistente, inconclusa. La identidad está ligada a estructuras discursivas y narrativas. La identidad está vinculada

<sup>6</sup> A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (WOODWARD, 2003, p. 21)

<sup>7</sup> [...] identidades nacionais em novas identidades, agora híbridas. (SILVA, 2019, p. 5).

<sup>8</sup> [...] um processo de construção do sujeito historicamente situado. (PIMENTA, 2000, p. 18).

a los sistemas de representación. La identidad tiene estrechas conexiones con las relaciones de poder. (DA SILVA, 2003, p. 96-97, nuestra traducción)<sup>9</sup>.

A ejemplo de eso tenemos la pequeña novela *Relato de un naufrago* de Gabriel García Márquez, escrita durante la dictadura militar de Gustavo Rojas Pinilla. Esta fue basada en un hecho real ocurrido en el año 1955 y recibió muchas críticas en Colombia porque habla de una corrupción que había en la Marina de este país. De este modo, el referido escrito se ubica en la cuestión política de poder en el sentido que al leer esta obra el lector va a entrar en contacto con elementos ficcionales y con cuestiones políticas colombianas.

Con eso, y tras la conceptualización del término en cuestión se vuelve imprescindible al paso que, según afirma Carranza (2016) los distintos discursos (científico, artístico, religioso, periodístico, etc.) detienen ciertas coordenadas que les anclan o circunscriben y otorgan valiosos instrumentos para su elaboración y abordaje. Con eso, asumimos que “el discurso literario no sólo capta y representa la identidad sociocultural de la comunidad desde donde emerge, sino que sus alcances van más allá de ello: él mismo genera-irradia identidad” (CARRANZA, 2016, p. 2).

Con todo lo que hasta ahora hemos visto, lo que nos toca en este momento es profundizar nuestros conocimientos sobre la relación entre *Identidad y Literatura*. Es decir, necesitamos comprender desde cuales miradas o, mejor dicho, puntos de partida es posible que identifiquemos rasgos identitarios específicos de la literatura de Hispano América (para allá de su carácter geográfico) y eso lo haremos según una mirada cultural, periodizada y temática:

### 3. IDENTIDAD Y LITERATURA HISPANOAMERICANA

Con el intuito de comprender mejor la relación entre *Identidad y Literatura*, primeramente, nos toca plantear la siguiente cuestión: *¿Qué es la literatura?* Frente a esta pregunta Eagleton (1998) trabaja para distinguir entre cuatro puntos de partida (enfoques) desde los cuales él intenta definir lo que es literatura. El autor, primeramente, asume la literatura como detentora de rasgos imaginarios, ficticios; en seguida la caracteriza como poseedora de un lenguaje específico; luego la trata como un discurso pragmático como que no teniendo utilidad práctica y, por fin, como un discurso valorado exageradamente (tratado de manera especial).

---

<sup>9</sup> [...] não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (DA SILVA, 2003, p. 96-97)

A su turno, Culler (1999) escríbenos que la cuestión *¿Qué es la Literatura?* no necesita de una definición, todavía su contestación demanda un análisis o hasta mismo una discusión cuya pauta sería el motivo que conduce alguien a preocuparse con la literatura. Más adelante en su texto, él aún suscita una nueva interrogación: *¿hay un rasgo esencial, distintivo que las obras literarias comparten?* Y con el intuito de contestar su propio planteamiento Culler hace una comparación de la literatura con las malas hierbas:

Cualquiera que alguna vez se haya ofrecido como voluntario para ayudar a limpiar las malas hierbas de un jardín sabe lo difícil que es diferenciar una mala hierba de una que no lo es y puede preguntarse si hay un secreto. ¿Cuál sería? ¿Cómo reconoces una mala hierba? Bueno, el secreto es que no hay ningún secreto. Las malas hierbas son simplemente las plantas que los jardineros no quieren cultivar en sus jardines. Si tuviera curiosidad acerca de las malezas, acerca de buscar la naturaleza de la "hierba mala", sería una pérdida de tiempo intentar investigar su naturaleza botánica, buscando cualidades formales o físicas distintivas que hacen que las plantas sean malas hierbas. En su lugar, tendría que realizar investigaciones sobre los tipos de plantas que diferentes grupos consideran indeseables en diferentes lugares. (CULLER, 1999, p. 30, nuestra traducción)<sup>10</sup>.

De este modo, la *Literatura* es lo que alguien asume como tal; son textos dependientes de su contexto puesto que se trata de producciones involucradas con una lengua, un tiempo, un espacio (real o ficcional) y un género específico, lo que nos lleva a creer que “describir la literatura sería analizar un conjunto de suposiciones y operaciones interpelativas que los lectores pueden poner en acción en tales textos” (CULLER, 1999, p. 32, nuestra traducción)<sup>11</sup>. Ahora, lo que nos hace falta es delimitar la literatura al nivel hispanoamericano, puesto que esta es el albo de nuestro objetivo en cuanto expresión y representación identitaria.

Puesto que la palabra o, mejor dicho, el adjetivo *hispanoamericano* tienen el sentido de pertenencia desde Hispanoamérica que, a su vez, según el diccionario en línea de la Real Academia Española (RAE), es un término cuyo significado es de un conjunto de países americanos donde el español es la idioma oficial/materno, postulouse que literatura de América Hispánica es la que se produce en lengua española por los pueblos que habitan las regiones de Norteamérica, Sudamérica, Centroamérica y del Caribe.

<sup>10</sup> Qualquer pessoa que já tenha se oferecido para ajudar a limpar as ervas daninhas de um jardim sabe quão árduo é diferenciar uma erva daninha de uma erva não-daninha e pode se perguntar se há um segredo. Qual seria? Como se reconhece uma erva daninha? Bem, o segredo é que não há um segredo. As ervas daninhas são simplesmente as plantas que os jardineiros não querem que cresçam em seus jardins. Se você tivesse curiosidade sobre as ervas daninhas, sobre a procura da natureza da “daninheza das ervas”, seria uma perda de tempo tentar investigar sua natureza botânica, procurar qualidades formais ou físicas distintivas que tornam as plantas ervas daninhas. Em lugar disso, você teria de realizar investigações a respeito dos tipos de plantas que são julgadas indesejáveis por diferentes grupos em diferentes lugares (CULLER, 1999, p. 30).

<sup>11</sup> “Descrever a “literatura” seria analisar um conjunto de suposições e operações interpelativas que os leitores podem colocar em ação em tais textos” (CULLER, 1999, p. 32).

Tras eso, lo que se puede aportar es que el concepto de literatura latinoamericana “está sujeto a la presión de categorías mayores, regionales o subregionales, que cada vez cobran mayor peso y realidad verificable” (CORNEJO POLAR, 1978, *apud.* CABRERA, 2016, p. 3). Así que destacamos a la influencia mapuche en la literatura chilena (cuyo mayor exponente es el poema de Ercilla llamado *La araucana*) y los trazos guaraníes/indigenistas en los escritos paraguayos que “han servido para consolidar la construcción de las identidades nacionales para las cuales el indígena ha constituido componente, y esto se ha reflejado también en las literaturas nacionales (CABRERA, 2016, p. 4).

Teniendo en la mente que la literatura “no sólo representa la identidad cultural de la comunidad o colectividad desde donde emerge como escritura artística institucionalmente aceptada y legitimada en cuanto tal, sino que produce identidad; incluso más: ella misma [...] sería identidad” (TORRES, 2006, p 2), nos cabe reflexionar sobre las cargas identitarias características de la constitución literaria de América Hispánica.

De pronto, es imprescindible poner en relieve que remitirse a la literatura de América Latina, según afirma Fuente (2005, p. 601), “exige esclarecer y precisar uno de los fenómenos más complejos e interesantes en los discursos culturales producidos en el continente americano, desde antes, durante y después de 1492”. En este sentido el autor explícamos que para delimitar históricamente la literatura latina tenemos que asumir dos posiciones:

En primer lugar, saber y aceptar que América Latina existe como continente mestizo (no sólo de razas, sino de influencias, aspiraciones e ideologías), mayoritariamente católico-cristiano y, en segundo lugar, desde que fue ocupada y encubierta ha constituido un espacio de disputa por monarquías y potencias extranjeras, verificación que le ha otorgado un carácter de rebeldía, esencialidad y resistencia a su literatura. (FUENTE, 2005, p. 602).

Tales aportaciones sobre la historia de la literatura son extremadamente importantes dado que la memoria, en cuanto hecho de recordar, y la identidad manifiestan una estrecha relación que se puede detectar en las producciones tomadas como literarias en la contemporaneidad (ALEMÁN, 2010). Por eso, es necesario que comprendamos los hitos y, con ellos, las representaciones identitarias presentes en la literatura hispanoamericana, puesto que:

Sin la facultad y sin el hecho de recordar se hace imposible la formación de la identidad. La función de la memoria aparece vinculada a una de las características que definen de manera esencial tanto al individuo como a la sociedad: la dependencia del pasado, la imposibilidad de abdicar del ayer. (ALEMÁN, 2010, p. 173).

Así que, de la llegada de los europeos al continente americano en 1492 hasta la actualidad fueron más de cinco siglos de historia, de modificaciones, de (re)afirmaciones y de constituciones identitarias y representativas. De estos siglos, Fuente (2005) trata basándose en

los escritos de Domingo Miliani que, a su turno, propone un ordenamiento fundamentado en criterios culturales y no cronológicos, los cuales se inclinan por grandes épocas de la historia latinoamericana: 1) Prehispánica, precolombina o anterior al descubrimiento. 2) Emancipación de América o de la organización colonial. 3) Ilustración e Independencia. 4) Surgimiento de las nacionalidades. 5) Acceso a la contemporaneidad.

A su vez, Ángel Rama (1982 apud ROJO, 2001, p. 81) propone un análisis histórico de esta literatura distribuyéndola en cuatro épocas considerando ciertas fechas: 1) Época de la Independencia y formación de las nuevas naciones (1810-1870). 2) Época del internacionalismo modernizador decimonónico (1870-1910). 3) Época del nacionalismo social y cosmopolita, incluidas las vanguardias con sus vertientes urbanas y regionalistas (1910-1940). 4) Época de 1940 en adelante, el tiempo del “Boom” que sufrió la literatura latinoamericana y en la que Ángel Rama escribe *La ciudad letrada* (1972).

De la división que hace Rama la primera época dice respecto a producciones donde el deseo de representar el propio es aún joven y fuerte; la segunda se refiere al periodo en el cual la representatividad se repliega por lo menos desde un punto de vista mimético simple; la tercera surge cuando la primera vuelve a tomar fuerzas y se desarrolla; y por fin, la cuarta tiene una ala urbana y cosmopolita y un área regionalista que, en suma, es la contemporaneidad. Según Rojo (2001) esta división de Rama se involucra directamente con los “tres impulsos” modeladores de la historia de la literatura: el afán de independencia, el de originalidad y el de representación:

No hace falta ser muy listo para darse cuenta de que el segundo de estos impulsos, la originalidad, es un resultado del primero y que el tercero, el afán de representación, es un resultado del segundo: se quiere ser original porque se es independiente y se quiere ser representativo porque se es original. (ROJO, 2001, p. 81)

Ya Peña (2018), tras su reflexión acerca del análisis literario relacionado con el proceso de enseñanza/aprendizaje y de formación docente y teniendo en la mente las culturas amerindias, españolas y africanas como madres en la formación de nuestros pueblos, asume que estas han tipificado la literatura latinoamericana, le otorgando rasgos que la diferencian del resto de las manifestaciones de su tipo a escala global, eso todo bajo el procedimiento de reconocerse a la literatura como expresión artística verbal de un pueblo.

Los rasgos de que habla Peña (2018) son: 1) *El mestizaje y la transculturación*: caracterizan la literatura latinoamericana desde los inicios del siglo XVII. 2) *El barroquismo*: como simbiosis de la mezcla de culturas (europea, amerindia y africana) que se podían hallar en la literatura a partir de la unión de las palabras aborígenes llevadas al español y el español como lengua, que asumió términos de la cultura africana. 3) *Lo real maravilloso*: se refiere a

una nueva visión que asume el escritor latinoamericano de su realidad. 4) *El enfoque social*: configurado como la necesidad de abordar la realidad de la sociedad latinoamericana que se ha mantenido durante la evolución literaria desde el siglo XVII hasta la contemporaneidad.

A partir de eso, al relacionar las aportaciones cultural, periódica y temática de la literatura latinoamericana con los rasgos identitarios que cada uno de los tres puntos de partida le otorgan es posible afirmar que el texto literario “es un lugar de confluencia de textualidades diversas en un cierto campo de referencias a la realidad extratextual (la realidad de la vida), construido a partir de un tejido de citas explícitas e implícitas” (TORRES, 2006, p. 7). Con eso, lo que tenemos es que la narrativa literaria:

puede sancionar, reafirmar o consolidar identidades, versiones del pasado y jerarquías de valores ya vigentes mediante su recreación o reactualización artística, como también perturbarlos, cuestionarlos, transgredirlos o anularlos a través de la exposición ficcional de nuevos valores y versiones alternativas del pasado. [...] La literatura, en suma, estimula a reinterpretar el pasado, a verificar la utilidad de identidades vigentes, a esbozar nuevas identidades [...] (ALEMÁN, 2010, p. 176).

En este sentido, no es sorprendente decir que en el transcurso histórico de la literatura de Latino América algunos nombres se quedaron muy “conocidos” por reflejar características específicas – que no dejan de ser rasgos identitarios – en sus obras, y entre tantos, algunos ejemplos son: del periodo colonial, en la poesía, José Joaquín Olmedo; Mariano Melgar; Andrés Bello; José María Heredia; ya en la narrativa tenemos a José Joaquín Fernández de Lizardi y en el teatro destacamos al escritor criollista Manuel A. Segura.

Acerca de la época de la consolidación, en el movimiento de Romanticismo los grandes exponentes fueron José Hernández, Esteban Echeverría, e Ignacio Altamirano. En el Realismo y Naturalismo tenemos a Manuel González Prada y Lucio Mansilla; en Modernismo se presentan José Martí, Rubén Darío, Horacio Quiroga. Y, en la era de la contemporaneidad podemos destacar a Vicente Huidobro, Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Octavio Paz, Pedro Henríquez Ureña, Jorge Luis Borges, Gabriel García Márquez y Mario Vargas Llosa.

Después de todo, es notable que en las producciones hispanoamericanas se puede encontrar elementos que demarcan cada uno de estos criterios culturales, épocas específicas y rasgos temáticos no solo en las que se escribieron bajo estos contextos, sino que en las obras de la contemporaneidad también ya que estas cargas de identidad, involucradas a la memoria y ambas a la historia, aun son representadas. En este sentido, se afirma que estos puntos vuelven las obras literarias agentes del desplazamiento identitario (HALL, 2006), en razón de que “la literatura es un elemento social que [...] no va a transformar el mundo por ella misma, pero sí

ampliaría demasiado las posibilidades para su comprensión” (ARAYA, 2012). Así que, en secuencia, veremos la efectividad de este hecho:

#### 4. CONSTITUCIÓN IDENTITARIA POR MEDIO DE LA LITERATURA

Después de todo lo que ya hemos visto relacionado a los conceptos de identidad y literatura, lo que nos toca ahora es discutir acerca de cómo los escritos literarios actúan, por medio del contacto con los/as lectores/as, como agentes del desplazamiento identitario. Sin embargo, para que lleguemos a profundizar la pauta, necesitamos esclarecer que este contacto entre la obra literaria y sus receptores suele darse por medio de la lectura (salvo los casos de los audiolibros o de las adaptaciones cinematográficas) así que, es importante que nosotros comprendamos que *leer* no es la simple acción de decodificar los significantes de una lengua con la finalidad de comprender lo que se está leyendo, sino que es mucho más que eso.

De este modo se alega que el acto de leer no es cerrado en sí mismo puesto que, según Navarro (1980), la lectura debe ser realizada pensándola en relación con la obra leída lo que vuelve a remitirnos a cuestiones como las ideologías y códigos presentes en la literatura ya que “sin lectura no hay literatura” (SOSA, 2004, p. 238). En este sentido, a respecto de los códigos – en específico el código de la lengua – se puede decir que “la posibilidad de combinación es ilimitada y los imprevistos infinitos. Esto hace que la “gramática” o reglas de esas combinaciones sea compleja, y que requiera más tiempo para su comprensión” (NAVARRO, 1980, p. 4). Así que, asumimos que la lectura implica en:

[...] el conocimiento de esa compleja gramática de la lengua (en el sentido chomskiano el conocimiento de la gramática es inconsciente), el conocimiento de la “gramática” literaria (en el sentido empleado por Todorov cuando habla de la del **Decamerón**) y el conocimiento de las posibilidades imprevistas en el código de la lengua ordinaria, de las transgresiones de ese código en los niveles fonético, morfosintáctico y semántico. Esto quiere decir que el texto literario trabaja con códigos (la lengua, la ideología) y destruye códigos, produciendo al mismo tiempo códigos nuevos. (NAVARRO, 1980, p. 4, énfasis del autor)

Con eso se puede decir que estos códigos presentes en los textos literarios contienen y diseminan la identidad que se encuentra en las obras – sean del ámbito nacional, histórico, memorial, colectivo o individual – y, de este modo, provocan alteraciones en la identidad de tantos cuantos mantengan contacto con estos escritos. Es desde esta mirada que trataremos de analizar a la obra *Aura* de Carlos Fuentes en razón de que en ella el autor demarca las cargas identitarias de los ámbitos supra citados y así la vuelve en un agente de cambios identitarios.

Por consiguiente, en el sentido de identificar cómo los escritos literarios actúan como agentes del desplazamiento identitario es pertinente mencionar a los escritos de Carranza (2016) cuando él plantea un cuestionamiento acerca de la existencia de una relación objetiva entre el discurso literario y la realidad social que, en otras palabras, tiene que ver con la posibilidad de rastrear la realidad del mundo en las obras literarias. Las contestaciones necesarias se dan por medio de dos posturas desde las cuales se intentan comprender el papel de la creación literaria:

La primera, postura es la “idealista”, que deja aparte las condiciones sociales de producción (contextos) del autor y asume la literatura como que cerrada en sí misma, dicho de otro modo “tal concepción (idealista-inmanentista) define realidad, cultura y al sujeto pensante de carne y hueso como dimensiones separadas de la manifestación literaria” (CARRANZA, 2016, p. 3). Ya la segunda es la “antitética” y se constituye por una visión crítica que “parte de la hipótesis de la base real de la literatura” (CARRANZA, 2016, p. 4). A respecto de esta el autor acaba por afirmar que:

los ritos, héroes y conflictos extraídos de los textos literarios cumplen una función social: la de generar un espacio de interacción de valores socio-históricos entre los sujetos que forman parte del circuito comunicativo: el autor y sus lectores. La literatura, por tanto, sólo existe o se concreta en virtud de este intercambio social. (CARRANZA, 2016, p. 6)

Es junto a este intercambio que se sitúa la constitución identitaria en razón de que, según Torres (2006), la literatura produce identidad no solo a partir de la reafirmación de “lo identitariamente dado”, sino que la produce a través de la manera como trata de problematizar la realidad a que si refiere y también por medio de las estrategias retóricas constituyentes de los discursos literarios con los cuales se formula y comunica un cierto sector de realidad cultural a través del texto y a eso Torres llama de “referente de la obra literaria”. Además de eso, en la secuencia de su escrito, el autor aporta que:

El texto [literario] se convierte, así, en una máquina productora de efectos de extrañeza cuyas consecuencias, en el terreno de la relación literatura-identidad, se hacen visibles en el hecho de que entonces la literatura promueve la dimensión "procesual" de la identidad; vale decir, la literatura ofrece experiencias de realidad que conducen a repensar, reimaginar, reconfigurar lo propio a través de la visibilización de sus fisuras, vacíos, carencias, incluyendo, sobre todo, los vacíos, carencias y deseos de los discursos que hablan de lo propio (como el de la misma literatura). (TORRES, 2006, p. 4)

A partir de eso es posible testiguar, basados en Carranza (2016) y Alemán (2010), que la obra literaria apropiase de tipologías humanas que – al fin y al cabo – llegan a configurarse como identidades y estas, por su vez, “adquieren sentido por medio del lenguaje y de los sistemas simbólicos por los cuales ellas son representadas” (WOODWARD, 2003, p. 8, nuestra

traducción)<sup>12</sup>. Grande ejemplo de eso son las cargas identitarias presentes en la literatura de resistencia y feminista que, según Freitas (2020), han influido en la constitución de la identidad de un grupo de estudiantes de E/LE, como observaremos a continuación ya que este testimonio del desplazamiento identitario provocado por obras literarias es imprescindible para nosotros.

#### **4.1. Identidades influenciadas por la literatura**

Tras el abordaje postmoderno de Clifford (2016, 2002), Freitas realiza una pesquisa etnográfica donde, en un periodo de 7 (siete) meses, hizo observaciones y desarrolló charlas con los/as estudiantes del curso de Español, del Campus de Abaetetuba, de la Universidade Federal do Pará, de los grupos de 2016 y 2017 con la finalidad de identificar cómo se han constituido las identidades de estos/as. La investigadora, en su punto de partida, asume la cultura como el proceso de constitución y busca, en sus elementos, algo que le conduzca a comprender la cuestión de como estos futuros profesores de lenguas están realmente se cambiando, principalmente en relación a la formación docente (FREITAS, 2020, p. 11).

Eso es lo que vuelve Freitas (2020) en un aporte teórico imprescindible a nuestro trabajo. El objetivo de su investigación (analizar la constitución de identidades de los estudiantes que componen el corpus de su pesquisa) y el desarrollo de ella cimentan nuestro propósito principal ya que por medio del contacto con obras literarias en las cuales se encuentran determinados elementos identitarios que tengan relaciones con los campos histórico, social, cultural, memorial y hasta mismo contemporáneo las identidades de los/as aprendientes de español como lengua extranjera sufren modificaciones en el transcurso de sus estudios.

Dicho eso, nos cabe ahora saber que el *corpus* del trabajo de Freitas fue compuesto por “personas entre 18 y 40 años, que ingresaron en el curso provenientes de la enseñanza secundaria, pero los mayores, que llegan a los 40 años, ya se encuentran en una segunda graduación [...]”. (FREITAS, 2020, p. 32-33, nuestra traducción)<sup>13</sup>. De cierto que estos/as estudiantes, según sus religiones, profesiones, constituciones familiares (algunos incluso eran padres/madres) e influencias del ambiente social, detenían una identidad “inicial” distinta de la que han constituido en el transcurso de la graduación bajo el contacto con el mundo hispánico.

En las observaciones que realizó durante las clases de los/as alumnos/as participantes de su pesquisa, Freitas notó que, además del habitual (canciones, videos, muestras de habla por

---

<sup>12</sup> “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2003, p. 8)

<sup>13</sup> “pessoas entre 18 e 40 anos, que ingressaram no curso advindo do Ensino Médio, porém os mais velhos que chegam aos 40 anos já estão em uma segunda graduação [...]” (FREITAS, 2020, p. 32-33)

medio de audios, etc) el contacto de los/as aprendientes con la lengua española ocurría en gran parte a través de los textos trabajados en las clases de literatura. En el periodo de la investigación, los profesores de los grupos de 2016 y 2017 estaban a desenvolver estudios de textos tales como *Pedro Paramo* de Juan Rulfo; *La Última Niebla* de Maria Luiza Bambal; *Crónicas* de Pedro Lamebel; *La Virgen de los Sicários* de Fernando Vallejo entre otros.

Debido a eso, Freitas identificó que, en razón de la lectura, y más precisamente, de los análisis críticos que los/as estudiantes realizaban de los textos literarios con la finalidad de llevar a cabo debates acerca de las temáticas de las obras en sus clases, algunos de ellos presentaron una ampliación de los ideales resistivos y feministas. Por tanto, es posible afirmar que ahí están presentes cambios de las estructuras identitarias, pues, a partir de las lecturas los/as aprendices de español como lengua extranjera comenzaron “a percibir la necesidad de respeto y de cuestionar sus derechos y deberes, a observarse como docentes de lengua española, en medio a la sociedad.” (FREITAS, 2020, p. 43, nuestra traducción)<sup>14</sup>.

En conversaciones con los estudiantes del Curso de Letras-Español, entró en discusión la cuestión del curso de español y sus identidades, todos me dijeron que el español cambió significativamente sus vidas, en realidad, la universidad e, por consecuencia, el curso modificó sus pensamientos sobre la vida, las costumbres de su casa, y entre otros hechos, la idea de que el español es un portugués mal hablado, sin reglas. Ellos percibieron la importancia de conocer el otro, respetar sus deseos y, sobre todo, tener la tolerancia tan importante para la convivencia en sociedad. (FREITAS, 2020, p. 43-44, nuestra traducción)<sup>15</sup>

Por el pasaje de arriba nosotros podemos percibir que las narrativas presentes en la literatura hispanoamericana acaban, según Alemán (2010), moldeando de distintas maneras las varias manifestaciones y posibilidades de construcción de la memoria y la identidad. Y eso, asumimos, es lo que pasa con *Aura*, puesto que los elementos identitarios que esta presenta pueden ser considerados como “unos modelos identitarios con una carga simbólica significativa [...] que bien pueden influir [...] en las variantes que adoptan en la sociedad contemporánea los procesos individuales [...] de construcción de identidades” (ALEMÁN, 2010, p. 172).

En su pesquisa, Freitas observó la cuestión de la literatura como una forma de exponer los sentimientos de los/as alumnos/as. A partir de ella los/as aprendientes desarrollaron una

---

<sup>14</sup> “a perceber a necessidade de respeito e de questionar sobre seus direitos e deveres, a se notar como professor de língua espanhola, no meio da sociedade”. (FREITAS, 2020, p. 43)

<sup>15</sup> Em conversas com os estudantes do Curso de Letras-Espanhol, entrou em discussão a questão do curso de espanhol e suas identidades, todos me disseram que o espanhol mudou significativamente suas vidas, na realidade a universidade e, por consequência, o curso modificou seus pensamentos em relação à vida, aos costumes de sua casa, e entre outros fatos, a ideia de que o espanhol é um português mal falado, sem regras. Eles perceberam a importância de conhecer o outro, respeitar seus desejos e acima de tudo, ter a tolerância tão importante para uma excelente convivência em sociedade. (FREITAS, 2020, p. 43-44).

nueva mirada hacia la mujer negra y su lugar en la sociedad (incluso algunos/as comenzaron a hacer uso de elementos culturales de origen de la cultura negra). Además de eso, el desplazamiento identitario generado en algunos/as de ellos les otorgó cambios tan significativos que han alcanzado la temática de la orientación sexual: “Los estudiantes comenzaron a respetar las opciones sexuales, muchos se declararon homosexuales después de las lecturas impartidas en clase y las que buscaban por su cuenta. (FREITAS, 2020, p. 99, nuestra traducción)<sup>16</sup>.

A fin de ejemplificar como la literatura influye en la constitución de identidades, Freitas (2020) menciona en su tesis que algunas alumnas del curso de Letras – Lengua Española realizaron la publicación de un artículo científico en la *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS* y este se titula *Literatura Colombiana Afrodescendente: voz afrofeminina no poema “negra soy” de Mary Grueso Romero* cuyo contenido trata del espacio conquistado por las mujeres en la literatura afrocolombiana por medio de antología llamada ¡Negra somos! Este hecho acaba por ser la base de Freitas en el momento en que ella afirma que la literatura de resistencia y feminista

pueden constituir de primer momento la identidad de los estudiantes del curso de Letreas-Español, pues proporciona conocimiento para generar una discusión en cualquier ámbito, mostrando a los estudiantes cuánto son capaces de comprender el mundo en que viven, y llevar eso a las personas del otro lado de los muros de la universidad, o sea, los adolescentes y los niños que un día van a ser sus alumnos en alguna escuela. (FREITAS, 2020, p. 106, nuestra traducción)<sup>17</sup>

Con eso Freitas aporta que los/as estudiantes del curso de Español, del Campus de Abaetetuba, de la Universidad Federal de Pará aprenden de forma crítica, cuestionando la manera de pensar de las personas y poniendo sus propias opiniones en el juego de un modo ético construyendo de ahí identidades no solo de estudiantes de español como lengua extranjera, sino que de profesores de esta. Así pues, la pesquisa tuvo su éxito ya que la investigadora pudo concluir que la literatura fue capaz de influir en la constitución identitaria de los/ alumnos/as que componen los grupos de 2016 y 2017 de la graduación en lengua española.

La importancia que hemos dado a la tesis de Freitas (2020) se justifica en el hecho de que, para lograr nuestro objetivo principal, que es identificar, en la obra *Aura* de Carlos Fuentes, cargas de identidad – histórica, social y/o cultural – que puedan influir en la constitución identitaria de un/a aprendiente de E/LE, necesitábamos de las aportaciones de esta investigadora

---

<sup>16</sup> “Os estudantes começaram a respeitar as opções sexuais, muitos se assumiram homossexuais após as leituras ensinadas em classe e aqueles que eles buscaram por conta própria.” (FREITAS, 2020, p. 99).

<sup>17</sup> conseguem constituir de primeiro momento a identidade dos estudantes do curso de Letras-Espanhol, pois proporciona conhecimento para gerar uma discussão em qualquer esfera, mostrando aos estudantes o quanto são capazes de compreender o mundo em que vivem, e levar isto as pessoas de fora dos muros da universidade, ou seja, os adolescentes e as crianças que um dia serão seus alunos em alguma escola. (FREITAS, 2020, p. 106).

en el sentido de que, bajo sus escritos, es posible afirmar que la literatura puede verdaderamente configurarse como un agente del desplazamiento identitario.

Teniendo en cuenta todo lo ya visto en lo que dice respecto a la influencia de la literatura en la constitución identitaria de aprendientes de español como lengua extranjera, es perceptible que los trazos de identidad – histórica, social y/o cultural – que determinadas producciones literarias suelen presentar acaban por actuar como agentes del desplazamiento identitario y grande ejemplo de eso son las obras del escritor mexicano Carlos Fuentes que, al paso que tratan de la cuestión de la identidad nacional destacan el papel fundamental de la historia cultural, sus temas principales son:

la conquista de las Américas, el sincretismo que existe como resultado de esto y la cultura moderna que existe hoy día. Estos temas tienen en común que tienen que ver con el mestizaje cultural, parte integrante de la identidad mexicana. Para el lector extranjero parece casi imposible conocer la cultura mexicana, pero en la escritura de Fuentes es posible comprender al menos un poco de este país tan diverso y complicado. (CAMPBELL, 2005, p. 1-2)

Fuentes, junto de autores como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Mario Varga Llosa entre otros, han constituido el corpus de autores consagrados por el “Boom latinoamericano” (BARBOSA, 2013). Este es un fenómeno cuya tarea de definirlo no es fácil ya que, según Rama (2005) su existencia se ha registrado en millares de revistas y diarios como un tópico cuyo origen nadie conoce pero que se repite como una contraseña. El autor aun aporta que esta manifestación “navegó con suerte en ese medio, casi como un comodín que registraba algo indefinido pero cierto, lo que explica su infausta denominación (RAMA, 2005, p. 165).

Sin embargo, a respecto del “Boom” podemos mencionar que él se fecha ente los años 1960 y 1970, periodo este que se caracterizaban por una agitación ideológica de la sociedad latinoamericana que, a su vez, empezaba a despertar en medio de un período de gobiernos autoritarios en la mayoría de los países (de derecha y de izquierda), de la Guerra fría, de la Revolución cubana (1959) y la frustrada intervención por parte de Estados Unidos. Así que, este fenómeno de la literatura acabó por presentar proyectos novelísticos experimentales, de alto contenido social y político.

La muerte de Artemio Cruz de Carlos Fuentes es un grande ejemplo de escritos de esta época. La historia retoma el tema de la Revolución Mexicana y explora sus secuelas entorno a la corrupción y a la lucha de poder entre los revolucionarios. En las obras del “Boom” se pueden hallar rasgos como el trato del tiempo de manera “no-continua”, la utilización de neologismos, de juegos de palabras y el uso de variadas perspectivas o voces narrativas bien como el destaque a los escenarios rurales y urbanos, el trato histórico y político profundizados, cuestiones identitarias regionales y nacionales y la ruptura de la línea entre fantástico y cotidiano.

Estos datos son imprescindibles a nosotros, puesto que, a continuación, vamos a conocer un poco más de Carlos Fuentes ya que nuestro objetivo identificar, en la obra *Aura* de Carlos Fuentes, cargas de identidad – histórica, social y/o cultural – que puedan influir en la constitución identitaria de un/a aprendiente de E/LE. Para eso necesitamos conocer, más detalladamente, la trayectoria del escritor y, con eso, cuáles son los puntos de la representación identitaria presentes en sus obras que entrarán en contacto con los/as aprendientes.

## 5. CARLOS FUENTES Y LA MEXICANIDAD DE SUS ESCRITOS

Carlos Fuentes Macías nació en 1928 en Panamá, en el periodo en que su padre actuaba en la carrera diplomática como representante de México en el país y, gracias a esto, él pudo registrar a Carlos con la nacionalidad mexicana en la embajada. La infancia de Fuentes se desarrolló bajo en un ambiente cosmopolita en razón del oficio de su padre que los trasladó entre Argentina, Chile, Brasil, Estados Unidos y otros países iberoamericanos. En lo que dice respecto a su formación académica Fuentes estudió derecho en la universidad Autónoma de México y Economías en el Instituto de Altos Estudios Internacionales de Ginebra, en Suiza.

Como ya mencionado, Carlos tuvo participación fundamental, junto a otros grandes nombres de la literatura, en el *Boom Latinoamericano* que perduro entre las décadas de 1960 y 1970. Las producciones de Fuentes se encuentran temáticas que se repiten una y otra vez en cada una de sus obras puesto que, en su narrativa, desde distintos ángulos y con diferentes perspectivas, las reflexiones sobre la identidad y la historia de México ocupan un lugar preeminente. Grande exponente de eso es *La muerte de Artemio Cruz* (1962) donde el personaje central, postrado en su lecho de muerte, recuerda los dulces momentos más significativos de su vida, que se convierten a su vez en un paradigma de la historia del país (VÁZQUEZ, 1992).

[...] Carlos Fuentes es uno de los escritores latinos más prolíferos de México. Este autor presente con cuentos, dramas, ensayos y novelas encaminados a la historia, la política, los mitos y tradiciones y la pasión por la lengua, de carácter cosmopolita y estudioso de técnicas narrativas de los grandes como Joyce, Dos Passos, Lispector, entre otros, destaca desde su escritura su preocupación por un México que le duele. (GUERRERO, 2017, p. 27-28).

Es importante destacar que, en los años 60, Carlos Fuentes vivió en París, Venecia y Londres. Enseñó en Harvard, Cambridge, Princeton y en otras instituciones de renombre internacional. Él fue embajador de México en Francia entre 1975 y 1977 y, al mismo tiempo que sus escritos literarios, sus ensayos sobre la literatura y su actividad periodística paralela lo han convertido en la figura que hoy día conocemos. Sus últimas obras aparecen en 2011, el ensayo *La gran novela latinoamericana* y el libro de cuentos breves, *Carolina Grau*. El escritor fallece en 2012 a los 83 años en la capital mexicana.

Detrás de la trayectoria del escritor, se nota que la manera como él trata de contenidos vinculados con las identidades mexicanas – en los más variados ámbitos – es muy marcada en sus palabras pues, como habla Aguirre (2015, p. 6) “la escritura de donde parte Fuentes [...] son los problemas de la cultura y la identidad latinoamericana”. Estos puntos se pueden hallar en *Aura*, obra de Carlos Fuentes donde, además de su singular narración en segunda persona están presentes elementos muy propios de la cultura mexicana descripciones minuciosas de los espacios donde ocurren los hechos bien como de los personajes todo eso involucrase en los ámbitos históricos, sociales, culturales y geográficos.

Tras eso, es que, a continuación, presentamos a la obra *Aura* de Carlos Fuentes y, más allá de eso, se hace un análisis de con el intuito de identificar rasgos identitarios capaces de actuar como agentes desplazadores de identidad puesto que, como ya hemos visto en los apartados anteriores, los escritos del mexicano son conocidos por presentar trazos de identidad en sus constituciones y, junto a eso, tenemos que la literatura es capaz de influir en la constitución identitaria, según ha comprobado Freitas (2020). Es importante destacar que este análisis es presentado en conjunto con los resultados de la entrevista bajo cual algunos/as alumnos/as de E/LE fueron sometidos y cuyos detalles conoceremos más adelante.

## 6. AURA, DE CARLOS FUENTES

Creemos que es de gran importancia, antes de pasar para el análisis de las cargas identitarias de la obra, que expliquemos que lo que motivó la elección de *Aura* como objeto de nuestro estudio fue el hecho de que – como ya dicho – los escritos de Fuentes tratan de la cuestión de la identidad nacional y, de igual modo, destacan el papel fundamental de la historia cultural. En acuerdo con las palabras de Campbell (2005) los temas principales que se pueden hallar en las obras de Carlos Fuentes dicen respecto a la conquista de las Américas, al sincretismo que existe como resultado de esto y a la cultura moderna que existe hoy día.

Ya *Aura*, en medio a los demás escritos de Fuentes, fue elegida por ser una novela fantástica que fue publicada por primera vez en el año de 1962, todavía, en este trabajo, hacemos uso de la edición de 2001<sup>18</sup>. El periodo de la publicación de este escrito le vuelve en una de las obras que compusieron el *corpus* de escritos del “Boom latinoamericano” lo que implica decir que ella posee elementos propios de este periodo, tales como el tratamiento del tiempo de

---

<sup>18</sup> Disponible en: [https://brasil.cervantes.es/imagenes/file/biblioteca/pdf/carlos\\_fuentes\\_aura.pdf](https://brasil.cervantes.es/imagenes/file/biblioteca/pdf/carlos_fuentes_aura.pdf)

manera “no-continua”, el trato histórico y político profundizados, cuestiones identitarias regionales y nacionales y la ruptura de la línea entre fantástico y cotidiano<sup>19</sup>.

El contexto de *Aura* es México de la década de 1960 y, en este contexto, viene esta obra en la que una señora intenta quedarse joven y busca su suerte en su pasado en lugar de mirar adelante. Además de eso, en este periodo las mujeres empezaron de reivindicar más derechos, empezaron luchar por derechos sociales y políticos y la igualdad del sexo. En el ensayo “Aura”, Fuentes escribe el siguiente: “Aura y Consuelo son una persona y ellas arrebatan el secreto del ansia al corazón de Felipe. El hombre es la persona frustrada aquí. Eso, ya es una vuelta contra el machismo”<sup>20</sup>, por tanto, se puede considerar esta una obra contra el machismo.

Así que, *Aura*, en sus cinco capítulos, narra la historia de Felipe Montero, un joven historiador al que le será encomendada la tarea de ordenar y terminar de escribir las memorias del general Llorente por parte de doña Consuelo, su viuda, con la condición de que deberá vivir en la casa junto con ella y su sobrina, Aura, mientras realice el trabajo. El ambiente de la casa no es nada más que raro: está permanentemente a oscuras para no avivar el recuerdo del general fallecido, apenas iluminada con luz de velas, y con un mobiliario y una decoración antiguos, como si en la casa el tiempo no hubiera pasado.

En síntesis, la labor de lectura y ordenación de los manuscritos del general, redactados en francés, llevará a Felipe a explorar los entresijos de la vida política mexicana del siglo XIX y a conocer, de primera mano, la historia de su enamoramiento con doña Consuelo y el gradual proceso de deterioro de la mujer que, a su vez, incapaz de concebir hijos para el general, en su sentimiento de culpabilidad, empieza a experimentar con una serie de rituales mágicos que recuerdan a las prácticas de brujería (cría conejos y gatos, sacrifica a machos cabríos, se alimenta únicamente de vísceras, convive con ratones, etc.), y eso acaba por contrastar con la imagen que ofrece a Felipe: la de una anciana muy devota del catolicismo.

Pero Felipe empieza a darse cuenta de que la forma en que se comportan doña Consuelo y Aura se escapa de lo común. La anciana y la sobrina tienen una extraña relación en la que doña Consuelo tiene poder para controlar lo que hace y dice su sobrina, sus gestos y movimientos. Luego Felipe se encuentra enamorado de la joven, y en la idea de que la joven es una prisionera de la anciana, le propone liberarla, pero esta se niega, y en el último de los dos encuentros amorosos que mantienen se percata de que la vieja y la joven son la misma persona. En ese punto, Felipe se dará cuenta de que ha asumido también él la persona del general Lorente al igual que Aura se ha transformado en doña Consuelo en sus tiempos de juventud.

---

<sup>19</sup> Disponible en: <https://www.estudopratico.com.br/el-boom-latinoamericano-caracteristicas-autores-e-obras/>

<sup>20</sup> Disponible en: <https://literaturamexicanadelsigloxx.wordpress.com/aura-de-carlos-fuentes/>

Así que, gracias a su enredo muy bien hecho, *Aura* es mucho más que una simple novela corta, esta obra ha recibido un grande reconocimiento en razón de su trama que desarrolla en la narración de Fuentes según la estética del Realismo mágico cuyo concepto se encuentra en relación, según Todorov (1981), con los del real y del imaginario lo que implica decir que el texto se ubica entre los ámbitos de la realidad tal como es percibida y de la imaginación del mundo que el escritor desea hacer conocido de todos cuantos lean su trabajo. En este sentido “*Aura* es una obra cargada de soledad, de misterio” (TAMAYO, 2014, p. 57).

Se puede considerar a *Aura* como una novela de amor (amor intemporal, expresado por medio de la transformación de sus personajes), misterio, y fantasía. Es rica en símbolos esotéricos y místicos. La transformación de los personajes es uno de tantos recursos que en la obra de Fuentes tiene gran relevancia. (AGUIRRE, 2015, p. 7)

Bajo eso, se afirma que este escrito es una obra “que causa polémica, pues a pesar de llevar más de 40 años desde su primera publicación, hasta la fecha es considerada como un texto vigente en los diversos ámbitos de la literatura latinoamericana” (AGUIRRE, 2015, p. 8). En este sentido, volvemos a la transformación a que se refiere Aguirre la cual se asocia con la idea de la reencarnación (continuidad de la vida) y su función renovadora ya que “en *Aura* vemos que detrás del ceremonial que la anciana realiza hay una trasgresión de fronteras naturales y la prolongación de la vida más allá de la muerte” (AGUIRRE, 2015, p. 43).

En este sentido, lo que tenemos es que Carlos Fuentes, en su narrativa, promulga un contraste del sobrenatural con la realidad y, al hacerlo, él pone en evidencia algunos rasgos de la identidad cultural, histórica y hasta mismo social del pueblo mexicano. Cada uno de estos rasgos son eminentes agentes del desplazamiento identitario puesto que promueven, en el/la lector/a el contacto con algo que a él/ella es novedoso, diferente<sup>21</sup>. Eso veremos legitimado tras el análisis de cargas identitarias presentes en *Aura* y por medio de la entrevista que fue realizada con alumnos/as de E/LE cuya finalidad fue demostrar o, mejor dicho, comprobar, que la obra en cuestión detiene la capacidad de influir en la constitución de identidad de sus lectores/as.

### **6.1. *Aura* – análisis identitario: la pesquisa**

Teniendo como objetivo central identificar, en la obra *Aura* de Carlos Fuentes, cargas de identidad – histórica, social y/o cultural – que puedan influir en la constitución identitaria de un/a aprendiente de E/LE, iniciamos este trabajo con la pretensión de realizar una pesquisa bibliográfica cuya finalidad, según Marconi e Lakatos (2002, p. 71), es poner el investigador

---

<sup>21</sup> En lo que dice respecto al contexto de un/una aprendiente de español como lengua extranjera.

en contacto directo con los materiales que tratan de asunto específico. En razón de eso es que ya hemos tratado de los escritos de Hall (2006), Woodward (2003) y Da Silva (2003) acerca de *Identidad* y los involucramos con los aportes de Culler (1999), Eagleton (1998), Peña (2018), Fuente (2005) y Ángel Rama (1982 apud ROJO, 2001) sobre *Literatura*.

Las dos vertientes de arriba (*Identidad y Literatura*) mantienen un punto de convergencia cuando consideramos que una obra literaria puede actuar como agente de cambios, es decir, del desplazamiento identitario – para usar el término de Hall (2006) – y este punto es el contacto del lector (aprendiente) con la obra (agente de cambios identitarios) y eso, como ya hemos visto, es comprobado por Freitas (2020) al paso que su investigación afirma que la literatura de resistencia y feminista ha influenciado en la constitución identitaria de los/ alumnos/as que componen los grupos de 2016 y 2017 de la graduación en lengua española de la Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba.

En este sentido es que, a continuación, presentamos unos trechos de *Aura* (edición de 2001) en los cuales es posible encontrar elementos que demarcan la identidad mexicana – en los ámbitos histórico, social y cultural – y para que el objetivo del trabajo se pudiera lograr con verdadera completitud, nuestro análisis es complementado por las contestaciones de la entrevista que realizamos con los/as alumnos/as del profesorado de Lengua Española de la Universidade Federal de Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba.

Estos/as estudiantes se subdividen entre ellos mismos por el año de adentro en la universidad que son de 2017 y 2018. Respectivamente estos grupos están a cursar el 8º (ochoavo) y el 6º (sexto) semestre de su curso lo que indica que – a lo menos en la teoría – ellos/as detienen los niveles respectivos B1 y B2 de la lengua española puesto que, según el *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola*<sup>22</sup> el objetivo del plan curricular del curso es llevar todos los/as alumnos/as a lograren el nivel avanzado (B2) del nivel idiomático según el Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas (MCER)<sup>23</sup>.

Es evidente que, en razón del contexto actual de aislamiento social, cuya causa es la pandemia del nuevo coronavirus (COVID- 19), la entrevista a que nos referimos no se ha podido realizar de manera presencial, así que utilizamos las tecnologías Digitales de información u Comunicación (TDIC's) para desenvolver la investigación. Estas herramientas “son métodos que se utilizan para obtener, guardar, producir y transmitir información” (PIRES, 2020, p. 114,

<sup>22</sup> Disponible em: <https://www.cubt.ufpa.br/publicacoes/documento/PPC-Letras-Espanhol.pdf>.

<sup>23</sup> Disponible em: [https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/marco/cvc\\_mer.pdf](https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/marco/cvc_mer.pdf).

nuestra traducción)<sup>24</sup> y que, en el escenario actual, permite que las medidas de seguridad dispuestas en la ordenanza N° 356, de 11 de marzo de 2020<sup>25</sup> de la pandemia sean respetadas.

Por esta razón, utilizamos como mediador de la comunicación entre el entrevistador y los/as entrevistados/as el WhatsApp que es una “aplicación de mensajería instantánea y gratuita que permite a sus usuarios el envío de mensajes de texto [...] y compartir [...] imágenes, audios, vídeos, enlaces a web, documentos... utilizando internet” (LANTARÓN, 2018, p. 122). En este sentido el tipo de entrevista realizada fue la “estructurada”, definida por Marconi e Lakatos (2002, p. 93-94) como aquella donde el entrevistador sigue un guion previamente establecido y las preguntas son “predeterminadas” a fin de que los entrevistados contesten a las mismas preguntas para que, después, todas sean compradas y, finalmente se llegue a un resultado.

Así que el procedimiento utilizado fue, en síntesis, el de enviar a los/as estudiantes de los grupos 2017 y 2018 de la graduación en Lengua Española de la Universidad Federal de Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba, un documento (que se puede encontrar en el anejo C) donde se presenta la pesquisa: su objetivo y procedimiento; la obra *Aura*, de Carlos Fuentes que es nuestro objeto de estudio y, al fin, la entrevista que es constituida de una secuencia de 10 (diez) preguntas de las cuales destacamos:

- ¿Qué comprendes del término “*Identidad*”?
- Según sus concepciones, ¿cómo se constituye y se expresa una *Identidad*?
- ¿Alguna vez, bajo la lectura de un texto, has notado en él rasgos identitarios (nacional, histórico o particular del autor o autora)? Ejemplifique.
- ¿Usted cree que la identidad puede ser trabajada/expresada por medio de la literatura? Justifique:
- ¿Crees que el contacto con otras identidades te puede influenciar? ¿Cómo? Cite ejemplos de influencias que ha sufrido su identidad:
- En los trechos de arriba (ver en las páginas 32, 33 y 34), ¿es posible identificar rasgos identitarios (cultural, histórico, particular del autor, etc.)? ¿Cuáles usted identifica?
- Carlos Fuentes, al escribir *Aura*, transpone en sus letras trazos de la identidad mexicana, ¿logras usted a identificar algo de eso?

Estas cuestiones están directamente relacionadas no solo con las temáticas de identidad y literatura, sino que involucran estas dos con las cargas identitarias presentes en *Aura*. Para mejor comprender los resultados de la pesquisa a cerca del análisis de elementos que demarcan

<sup>24</sup> “são métodos que se utilizam para obter, guardar, produzir e transmitir informação” (PIRES, 2020, p. 114)

<sup>25</sup> Disponible en: <https://www.cosemssc.org.br/portaria-no-356-de-11-de-marco-de-2020/>

trazos de identidad en la obra – que van a darse en el próximo apartado – los entrevistados serán identificados a través de un sistema de representación alfanumérico, donde A y B representan, respectivamente, los grupos de 2017 y 2018 y el número que los va a acompañar distinguirá un/una estudiante de los demás de su propio grupo. Los resultados se presentan en la secuencia:

## 6.2. *Aura* – análisis identitario: los resultados

En la pesquisa se ha podido constatar, de pronto, que los grupos de estudiantes participantes de esta comprenden la *Identidad* como un/os elemento/s que distingue/n, identifica/n, singulariza/n algo o alguien y que – a cada día – se cambia y evoluciona, es decir, la identidad se puede moldear desde distintas formas tal cual afirma Alemán (2010, p. 172): “la identidad se compone, en esos casos, de un conjunto de rasgos, características o circunstancias que configuran una constante propia de un sujeto o de una colectividad, que ofrece a éstos posibilidades de individualización e identificación”.

En este sentido se afirma que “las identidades personales son formadas por identidades colectivas definidas culturalmente, a través de profesiones, nacionalidad, etnia, clase, religión, género, pero esto no puede existir separado de los individuos” (FREITAS, 2020, p 72, nuestra traducción)<sup>26</sup>; así que los/as aprendientes explicitaron que la identidad es algo que está vinculado al sujeto desde su nacimiento y que se constituye y se expresa a lo largo de su existencia a partir de las relaciones con el ambiente social (familiar, académico, laboral, etc) y del contacto con identidades diferentes de la suya en el referido ambiente.

Alumno/a A2:

*“Creo en dos cosas: nacimos con ella, por la cuestión de región, hogar, y adquirimos otras a través de nuestras vivencias y experiencias. Yo principalmente no pienso en identidad como una ‘esfera masiva’, irrompible, inmutable, sino que algo que cambia conozco todos los días.”*

Alumno/a B2:

*“Se constituye y se expresa una identidad a partir de que ella es reconocida y respetada por el otro cuando se torna existente en donde tú vives y como vives, o sea, debemos respetar la existencia de una identidad que es distinta de nuestra.”*

Alumno/a A3:

*“Una identidad se constituye a través de la interacción con el mundo, con las personas, por la forma de mirar de cada persona y se expresa en la manera de pensar, de hablar, de hacer algo, por la cultura, por las costumbres, por su posicionamiento frente un determinado asunto.”*

---

<sup>26</sup> “as identidades pessoais são formadas por identidades coletivas culturalmente definidas, por meio das profissões, nacionalidade, etnia, classe, religião, gênero, porém esta não tem como existir separadamente dos indivíduos” (FREITAS, 2020, p 72).

Alumno/a B3:

*“Nuestra identidad se constituye al desarrollo de los años, dónde puede sufrir alteraciones. La misma se expresa en nuestras canciones, danzas, cinema y otras artes.”*

Juntamente a eso, los/as alumnos/as destacaron que la presencia de la literatura en sus clases ha actuado como agente del desplazamiento identitario puesto que esta les ha otorgado la posibilidad de expresarse con libertad, de conocer puntos de miradas distintos de los suyos a respecto de variadas temáticas. Incluso los/as estudiantes, cuando preguntados si ya habían notado trazos de identidad (nacional, histórico o particular del autor o autora) en sus lecturas – no solo en el curso de grado en español como lengua extranjera – contestaron:

Alumno/a A1:

*“Sí. En los textos de Federico García Lorca, a través de la literatura que trata de la temática LGBT”*

Alumno/a A4:

*“En el libro ‘Um milhão de finais felizes’ del brasileño Vitor Martins tiene por personaje principal el joven Jonas, un chico que vive unos conflictos con su familia acerca de su homosexualidad igual que el propio autor. Por tanto, se nota que la identidad del autor está representada en su escrito por medio de la historia y conflictos que enfrenta Jonas a lo largo de la historia.”*

Alumno/a B1:

*“Sí, en la lectura del libro ‘Ensinando pensamento crítico’ de la escritora afrodescendiente Bell Hooks, que expresa claramente su identidad como mujer negra cuando dice: ‘O principio da igualdade, faz pouquíssimo sentido em um mundo dominado por uma oligarquia global’ y luego después dice que en su época de escuela no había libros escritos por negros porque decían que negros no habían escritos libros, y ella se levantó y dice que conocía un buen libro escrito por negros, y entonces el profesor le pidió que se callara.”*

Más aún, los/as aprendientes afirmaron que las obras literarias son poseedoras de rasgos/cargas identitarias, las cuales se pueden trabajar en las clases de E/LE ya que “la literatura puede ser un medio de expresar la identidad” (Alumno/a B3) gracias a la posibilidad que la literatura de “ser trabajada de diversas maneras” (Alumno/a A1) y de esta configurarse como la “libertad que necesitamos para empezar a expresar aquello que creemos, vivimos y soñamos” (Alumno/a B1) lo que nos ubica en media a la diversidad cultural (DA SILVA, 2003, p. 67). A cerca de influencias literaturas sobre las identidades, los/as estudiantes declararon que:

Alumno/a B4:

*“[...] en el transcurso de la vida, tenemos contacto con las más diversas identidades, por ejemplo, en un debate sobre algo es natural que salgamos con una visión diferente de la cual teníamos antes de la charla.”*

Alumno/a A2:

*“Cuando viajamos, tenemos contacto con otras identidades, cuando escuchamos un discurso, cuando leemos un libro por ejemplo de otro continente, etc.”*

Alumno/a A3:

*“Si miramos una identidad que nos gusta, podemos ser influenciados. Ejemplo: Se hablamos con amigo que habla diferente de nosotros y nos gusta de como él habla, podemos querer hablar igual.”*

En este sentido se asegura que la “la mismidad (o la identidad) siempre lleva el rastro de la alteridad (o diferencia)” (DA SILVA, 2003, p. 54, nuestra traducción)<sup>27</sup>, es decir, nuestras identidades tales como la tenemos ahora son constituidas según las influencias que hemos recibido a lo largo de la vida y de nuestras relaciones interpersonales. En conformidad con eso, los/as estudiantes de español como lengua extranjera hicieron mención de que desde el conocimiento de algo nuevo el individuo, en caso de que le guste, acabar por añadir eso a su personalidad – a ejemplo de un estilo musical, una forma específica de vestirse, etc.

Aún más, conocer a puntos de miradas distintos acerca del mismo asunto puede generar una mejor y mayor cimentación de lo ya se encontraba establecido, eso al nivel identitario pues “un individuo puede conocer algo nuevo e intentar convertirlo a su modo de ser y pensar, o permitirse aprender con ello, con todo lo que pueda ofrecer” (Alumno/a B1) lo que implica en el hecho de que “otras identidades pueden influenciar la nuestra” (Alumno/a A4). Tras todo lo que ya hemos vistos, a continuación, constan los trechos de *Aura* en la misma orden en que se presentan en la entrevista:

**Trecho 1** (Cap. 1, p. 5)

Siempre has creído que en el viejo centro de la ciudad no vive nadie. Caminas con lentitud, tratando de distinguir el número 815 en este conglomerado de viejos palacios coloniales convertidos en talleres de reparación, relojerías, tiendas de zapatos y expendios de aguas frescas. Las nomenclaturas han sido revisadas, superpuestas, confundidas. El 13 junto al 200, el antiguo azulejo numerado «47» encima de la nueva advertencia pintada con tiza: ahora 924.

El contexto del fragmento de la obra presentado arriba relacionase con el momento en que Felipe Montero, después de constatar que cumplía todos los requisitos del anuncio del periódico: “historiador joven. Ordenado. Escrupuloso. Conocedor de la lengua francesa. Conocimiento perfecto, coloquial. Capaz de desempeñar labores de secretario. Juventud, conocimiento del francés, preferible si ha vivido en Francia algún tiempo.” (FUENTES, 2001, p. 4) decide busca por la dirección presente en este a fin de tratar acerca del oficio.

La manera como Carlos Fuentes habla de los viejos palacios coloniales y de cómo ellos se han convertido en talleres no es una simple referencia a la colonización, sino que este texto

<sup>27</sup> “A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outriedade (ou da diferença)” (DA SILVA, 2003, p. 54)

denota la historia de México, la forma “abrupta” e “impiedosa” como la modernidad suscitó cambios en la realidad. Además de eso, sobre este pasaje Sosa (2004) afirma que “los números de las placas sustituyen, pero no obliteran, números anteriores. Todo confluye para producir la impresión de una coexistencia de tiempos y de espacios diferentes”.

**Trecho 2** (Cap. 2, p. 15; 21; 25)

—¿Se encuentra cómodo?

—Si. Pero necesito recoger mis cosas en la casa donde...

—No es necesario. El criado ya fue a buscarlas.

[...] caminas al baño, donde encuentras todas tus cosas dispuestas en una mesa, tus escasos trajes colgados en el ropero.

[...] Quisieras intervenir en la conversación domestica preguntando por el criado que recogió ayer tus cosas, pero al que nunca has visto, el que nunca sirve la mesa.

Después de aceptar la condición de Doña Consuelo de quedarse con ella y con su sobrina, Aura, mientras realice la tarea de ordenar y terminar de escribir las memorias del general Llorente, el joven Felipe empieza a quedarse “inquieto” acerca del criado que nunca está presente en la casa pero que se ocupa de buscar el equipaje del historiador. En este sentido, “se nota que el personaje del criado no aparece físicamente [...]. Sólo es un recurso [...]” (AGUIRRE, 2015, p 39), sin embargo, este recurso no está presente como que para la nada.

El criado es un elemento que demarca la ruptura de la línea entre fantástico y cotidiano lo que configurase como nada más que una de las características más fuertes de las obras del *corpus* que componen el “Boom latinoamericano”. Arreguín (2015) afirma que en *Aura* se pueden hallar rasgos y tonos que se refieren al realismo mágico: “para la obra de Fuentes el realismo mágico es una trasnominación del origen mexicano, ya que el origen se basa tanto en hechos abstractos como concretos” (ARREGUÍN, 2015, p. 4).

**Trecho 3** (Cap. 3, p. 21; 23)

[...] en el librero puedes alcanzar el tragaluz, abrir uno de sus vidrios, elevarte con esfuerzo y clavar la mirada en ese jardín lateral [...]

—Está bien, señora. ¿Podría visitar el jardín?

—¿Cual jardín, señor Montero?

—El que está detrás de mi cuarto.

—En esta casa no hay jardín. Perdimos el jardín cuando construyeron alrededor de la casa.

El tercer trecho de la obra de Fuentes acaba por ser un punto de convergencia de las dos vertientes mencionadas anteriormente: la primera relacionase con el desarrollo histórico de México involucrado a la temática de la conquista cuando la viuda del general Llorente habla que el jardín que Felipe Montero observa por el tragaluz fue perdido “cuando construyeron alrededor de la casa” (FUENTES, 2001, p. 23). El término “construyeron” aquí demarca la violación de lo que Fuente (2005) llama de época prehispánica, precolombina o anterior al descubrimiento.

Ya la segunda, demarca elementos fantásticos, los cuales, en el contexto de las narrativas literarias, tienen relación, según Todorov (1981), con un ser que inicialmente está limitado a las leyes naturales y, abruptamente, experimenta o, mejor dicho, vivencia sucesos que se involucran con el sobrenatural. Muchos son los elementos del sobrenatural presentes en la obra de Fuentes y en ellos es perceptible el rompimiento de la realidad añadido a trazos de la fantasía, imaginación, que es vivenciado por el joven historiador y a este respecto Sosa (2004) en su trabajo titulado “Una teoría de la lectura en *Aura* de Carlos Fuentes” afirma lo siguiente:

[...], la oposición ilusión/realidad [...] fue ilustrada inicialmente a propósito de las experiencias del protagonista. Y constantemente este oscila entre su lectura de la realidad y lo que se le dice acerca de la misma. Cuando pretende conocer el jardín, cuya presencia húmeda intuyó al llegar a la casa de la señora Consuelo, se le dice que no lo hay (“perdimos el jardín cuando construyeron alrededor de la casa”). (SOSA, 2004, p. 240).

**Trecho 4 (Cap. 4, p. 38)**

—¿Me querrás siempre?  
 —Siempre, Aura, te amare para siempre.  
 —¿Siempre? ¿Me lo juras?  
 —Te lo juro.  
 —¿Aunque envejezca? ¿Aunque pierda mi belleza? ¿Aunque tenga el pelo blanco?  
 —Siempre, mi amor, siempre.  
 —¿Aunque muera, Felipe? ¿Me amarás siempre, aunque muera?  
 —Siempre, siempre. Te lo juro. Nadie puede separarme de ti.

El trecho de número 4 evidencia una de las temáticas caracterizadoras de las obras del “Boom latinoamericano”: el tiempo. En el fragmento el vocablo “siempre” demarca su idea real que, según el diccionario en línea de la Real Academia Española (RAE), es “en todo o cualquier tiempo” lo que implica directamente en el habla de Aguirre (2015, p. 40) cuando, acerca de este pasaje ella afirma que en él existe una “búsqueda por de la identidad de la pareja que quiere perpetuarse a través del tiempo”. Además de eso, la autora afirma que en *Aura*:

la relación se reconstruye mediante una retrospectiva del tiempo pasado representado por Consuelo y el general Llorente. Consuelo y Felipe Montero tienen una personalidad ambivalente en la medida que son la proyección de Aura y del general Llorente, respectivamente. [...] en Aura, la relación amorosa sucedió en el pasado. puesto que el general Llorente se enamoró de la belleza de Consuelo y lo mismo sucede con Felipe que se enamora de Aura. (AGUIRRE, 2015, p. 40).

De este modo, “en la historia de Aura el tiempo y la identidad se confunden. Al final es casi imposible saber dónde termina Felipe y empieza el General Llorente, y lo mismo sucede con su esposa y Aura. Las implicaciones del tiempo son difíciles de descifrar también” (CAMPBELL, 2005, p, 39). Todo esto acaba por implicar en el hecho de que “Aura es una reflexión sobre el acto de escritura y sobre la creación en general, concebidos como lucha perpetua contra el tiempo y el olvido. En Carlos Fuentes, aparece la escritura como predestinación, como negación de [...] la propia muerte” (SORS, 2002, p. 41). Así que:

Apoyado en una densa simbología cuyas claves, sin embargo, son fácilmente reconocibles, Fuentes muestra la evidencia de un país en el que el tiempo no transcurre y donde permanecen vivos y en contacto todos los momentos de su historia; este es el sentido que adquiere el descubrimiento de la identidad del protagonista, Felipe Montero, quien se asimila a la personalidad del fallecido general Llorente, miembro de ejército del emperador Maximiliano. (VAZQUEZ, 1992, p. 531).

Acerca de los trechos de la producción de Fuentes presentados anteriormente, los/as estudiantes de grado en Letras – Lengua Española que tuvieron participación en la entrevista afirmaron que existen trazos de identidad en la obra de Carlos Fuentes. Los/as alumnos/as B1, A1 y A3 señalaron que al describir la arquitectura en el primer trecho el autor hace referencia a cambios sufridos por el espacio donde se desarrolla la trama a lo largo del tiempo. Además de eso, los/as alumnos/as B5 y A2, mencionan que el hecho del criado jamás ser visto es un indicio muy fuerte del sobrenatural puesto que, mismo que no está presente físicamente, el personaje realiza acciones que implican en la realidad de la trama.

Acerca del tercer trecho los/as participantes de la pesquisa (B3 y B4) citaron que el texto presente en él suscita trazos de memoria cuanto al sentido histórico y cambiante de las estructuras sociales puesto que “la singular trascendencia que la memoria desempeña en la constitución de la identidad es incuestionable. La identidad se sustenta en la memoria, esto es, se forma y se construye mediante el recuerdo” (ALEMÁN, 2010, p. 173). Y sobre el último de los cuatro trechos tenemos las siguientes aportaciones:

Alumno/a A4:

*“En el trecho 4 los personajes mencionan la muerte y, en específico, al amor para más allá de esta lo que claramente es una referencia al trato que los mexicanos suelen tener acerca de la muerte, es decir, de tenerla como algo que no es el fin”*

Alumno/a B3:

*“Sí, el autor muestra sus rasgos identitarios al hablar de cómo era su casa, de las recordaciones de un jardín que ya no existe y, de un sentimiento que ya dura hace tiempo y que él teme que se acabe, así como las cosas concretas que ya no existen.”*

Precisamente se puede afirmar que el nivel de representación identitaria más evidente o, por lo menos, la más perceptible para los/as alumnos/as que contestaron a las preguntas de la entrevista se ubica en el nivel histórico. Tras eso, y en acuerdo con la concepción del sujeto postmoderno de Hall (2006) el cual es caracterizado como no poseedor de una identidad fija, esencial o permanente pues la identidad es formada y transformada por la relación que tenemos con todo lo que nos cerca, los/as aprendientes afirmaron, acerca de cambios generados a través del contacto con el otro que:

Alumno/a A1:

*“[...] fue a través [del contacto] que me identifique como latinoamericana. (Sobre los elementos latinoamericanos relacionados a la lengua española).”*

Alumno/a B1:

*“[...] todos nosotros somos un poco de lo que nos alimentamos y tenemos parte de aquellos con quien convivimos, cuanto mayor el tiempo con algo o alguien, más probabilidad de que eso haga parte de nosotros y consecuentemente de nuestra identidad. Pero teniendo en cuenta que nuestra raíz siempre será el destaque.”*

Alumno/a A3:

*“[...] el conocimiento de otras culturas y costumbres hacen con que nosotros pensamos de forma más amplia.”*

De este modo, es perceptible que el contacto con lo que a nosotros es diferente suscita cambios, pero no solamente eso; según Woodward (2003) este contacto “puede generar resistencias que puedan fortalecer y reafirmar algunas identidades nacionales y locales o conducir al surgimiento de nuevas posiciones de identidad” (WOODWARD, 2003, p. 21, nuestra traducción) y eso se comprueba por las siguientes contestaciones de la entrevista:

Alumno/a B3:

*“[...] ya hace algún tiempo que a mí me encanta las canciones en español, más específicamente la bachata, por tener una semejanza con el “brega”, ritmo paranaense.”*

Alumno/a A4:

*“[...] la mirada que hoy tengo sobre la américa latina es muy distinta de la que yo tenía antes de la graduación y no solo eso, he aprendido con los alumnos de Argentina que visitaron el Campus de Abaeteuba en el año de 2017 que mi cultura es fascinante para los demás pueblos”.*

Aún sobre esta cuestión de las diferencias identitarias, hemos implementado la entrevista con una última cuestión (que no deja de ser muy importante) que es la siguiente: *Teniendo en la mente que las identidades se constituyen a partir del contacto con el “otro”*

(sea por medio de la semejanza o de la diferencia), imagínate la manera distinta que brasileños/as y mexicanos/as miran hacia la muerte, de especial modo en el día 02 de noviembre, ¿crees que conocer la fiesta mexicana de Día de muertos puede suscitar cambios en su percepción sobre esta temática? A esta los/as estudiantes contestaron:

Alumno/a B1:

*“Sí pues me permite entender que algunas culturas no ven la muerte como algo malo, triste o difícil, pues muchos creen que es el comienzo de algo nuevo, de una nueva vida, de alegría, sin dolores o angustias, y lo manifiestan según sus creencias.”*

Alumno/a A1:

*“Sí, es una cultura diferente, y eso muestra que la muerte nos es solamente vista como una cosa triste. Me gustaría mucho conocer la fiesta de día de muertos en México.”*

Alumno/a B2:

*“Creo que sí, pues el modo de ver la muerte acá es totalmente distinto de ellos, mismo que parezca algo asustador para algunos, ya para otros es algo normal”*

Alumno/a A3:

*“Sí. Puede suscitar cambios, porque las costumbres de ellos son diferentes de nosotros.”*

Alumno/a B3:

*“Sí, la identidad mexicana en especial en ese día me encanta. Yo incluso, comparto del mismo pensamiento de los mexicanos, pues creo que la muerte es algo bueno para quién hizo bien en la tierra y, que sí, es necesario conmemorar ese momento, y no quedarse sufriendo.”*

Por medio de la entrevista realizada con alumnos/as de E/LE cuyo objetivo fue demostrar o, mejor dicho, comprobar, que la obra en cuestión detiene la capacidad de influir en la constitución de identidad de sus lectores/as por medio de las cargas presentes en ella notamos que eso es completamente posible al paso que “la literatura es al mismo tiempo un vehículo de ideología bien como un instrumento para su anulación” (FREITAS, 2020, p. 89, nuestra traducción)<sup>28</sup>. Con eso se puede afirmar que, en efecto, *Aura* posee cargas identitarias capaces de influir en la constitución identitaria de un/una aprendiente de E/LE.

## 7. CONCLUSIÓN

A modo de conclusión y después todo lo que hemos visto en el desarrollo de este trabajo, desde la discusión inicial acerca de la conceptualización y comprensión de lo que es identidad hasta el involucramiento de esta con la literatura y, más precisamente, con la obra *Aura* de

---

<sup>28</sup> “sendo a literatura ao mesmo tempo um veículo de ideologia e logo um instrumento para sua anulação” (FREITAS, 2020, p. 98)

Carlos Fuentes y según los resultados de la entrevista – los cuales fueron presentados en la sección anterior – tenemos que, en efecto, la obra posee cargas identitarias capaces de influir en la constitución identitaria de un/una aprendiente de E/LE. Es claro que “las identidades son fluidas” (FREITAS 2020, p. 109) y, en este sentido, los cambios que ellas presentan a lo largo del tiempo se pueden atribuir a un conjunto de elementos entre los cuales se incluye la literatura:

Si la identidad es "un conjunto de significaciones y representaciones relativamente estables a través del tiempo que permite a los miembros de un grupo social que comparte una historia y un territorio común, así como otros elementos culturales, reconocerse como relacionados [...] unos con los otros biográficamente" (Montero 1991: 76-77), y si la literatura, al decir de Miralles, produce identidad, ésta (la literatura) tendría entonces que producir efectos que contribuyan a que los miembros de un determinado grupo social se reconozcan "relacionados unos con los otros" a partir de referentes simbólicos provistos por la literatura. (TORRES, 2006, p. 5)

Así que, con el propósito de probar las palabras de Torres fue que ejecutamos una discusión acerca de identidades cuya basis está cimentada en Hall (2006), Woodward (2003) y Da Silva (2003) y no solamente eso, sino que tratamos de relacionar esta temática con la literatura hispanoamericana puesto que la consideramos un agente de cambios, del desplazamiento de las identidades de todos cuantos mantengan contacto con obras poseedoras de cargas identitarias tal como lo es *Aura* y, a partir de eso, analizamos la entrevista realizada con los grupos 2017 y 2018 de la graduación en Lengua Española de la Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba.

Tras eso, el resultado que tenemos es que los participantes de la entrevista fueron capaces de hallar elementos/trazos identitarios en *Aura* y teniendo en cuenta eso junto al hecho de que la obra de Fuentes “manifiesta una preocupación por la identidad y una audaz crítica social” (AGUIRRE, 2015, p. 6) lo que se puede afirmar es que la obra en cuestión es un vehículo ideológico y, luego, de cambios al paso que pone su lector/a en contacto directo con lo que Da Silva (2003) llama de alteridad o diferencia, eso en el ámbito de la enseñanza/aprendizaje de español como lengua extranjera.

Por tanto, en nuestras consideraciones finales del trabajo aportamos que las identidades de los/as estudiantes que participaron de la entrevista demarcan cambios estructurales generados por el contacto con la literatura hispanoamericana y las cargas identitarias que estas poseen. O sea, nuestra reflexionar acerca de cómo la literatura hispanoamericana, a partir de la obra *Aura* de Carlos Fuentes, contribuye con la constitución identitaria de un/una aprendiente de español como lengua extranjera es pertinente al paso que la referida obra demarca elementos identitarios y con eso

[...] no cabe duda que la literatura puede servir como un medio de conocimiento y reelaboración de la verdad del mundo. En palabras de Grinor Rojo (junio, 2012), la vocación identitaria es algo que se pone de manifiesto cuando la literatura que tratamos es “hija devota” de su propio contexto; es aquí donde se entiende el “poder” o la cualidad que posee ésta para captar y modelar (directa o indirectamente) una o varias identidades. (CARRANZA, 2016, p. 8)

De ello resulta necesario decir que en este trabajo asumimos la literatura como contribuyente del proceso de constitución de identidades y eso comprobamos tras las dos vertientes de nuestra pesquisa (análisis bibliográfico y análisis de las contestaciones de la pesquisa) puesto que hemos comprendido lo que es identidad y como esta – o por lo menos elementos de esta – están ubicados en obras literarias y de hecho pueden generar cambios en todos cuantos mantengan contacto con ellas.

## 8. REFERENCIAS

AGUIRRE, H. M. C. **Transtextualidad en *Aura* de Carlos Fuentes**. Amecameca, 2015. Disponible en: <https://docplayer.es/63653813-La-transtextualidad-en-aura-de-carlos-fuentes-tesis-que-para-obtener-el-titulo-de-licenciada-en-letras-latinoamericanas-presenta.html>.

Acceso en: 02 mayo 2021.

ALEMÁN, M. M. Literatura, memoria e identidad: una aproximación teórica. In: **Sincronías en el pasado... diacronías en el presente: estudios literarios**. p. 171-179, 2010. ISBN 978-84-669-3468-8. Disponible en: <https://revistas.ucm.es/index.php/RFal/issue/view/2112>.

Acceso en: 26 marzo 2021.

ARAYA, M. C. Pensamiento, teoría y crítica cultural. In: ARAYA, M. C. **Hacia una poética de la frontera urbana, porteña y popular. Imaginarios chileno-peruanos, de *los ojos imperiales a nuestra propia expresión***. Tesis de grado de doctorado en literatura chilena e hispanoamericana. Facultad de Filosofía y Humanidades. Chile, Santiago. 2012. p. 432-545. Disponible en: <http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/111092/Chandia%20Marco.pdf?sequence=3>. 02 mayo 2021.

ARREGUÍN, L. A. **México y la mexicanidad: aura, donde confluyen el mito y la historia**. Texas State University in partial fulfillment. España, 2015. Disponible en: <https://digital.library.txstate.edu/bitstream/handle/10877/5701/ARREGUIN-THESIS-2015.pdf?sequence=1>. Acceso en: 28 mayo 2021.

BARBOSA, L. **Limiar: identidade e alteridade em aura de Carlos Fuentes**. 2013. Disponible en: <https://2eeba.files.wordpress.com/2013/09/limiar-identidade-e-alteridade-em-aura-de-carlos-fuentes.pdf>. Acceso en: 01 mayo 2021.

CAMPBELL, M. Carlos Fuentes, mestizaje y la identidad mexicana. 2005. Disponible en: [https://getd.libs.uga.edu/pdfs/campbell\\_majel\\_200505\\_ma.pdf](https://getd.libs.uga.edu/pdfs/campbell_majel_200505_ma.pdf). Acceso en: 12 abr. 2021.

CABRERA, D. Literatura Paraguay/Guaraní: transversalidades. In: **Revistas de estudos culturais**. n. 3, 2016. Disponible en: <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/149559>. Acceso en: 17 jun. 2021.

CARRANZA, J. J. D. C. La literatura como elemento generador de relaciones y marcador de identidades. In: **Revista Tropos**. ISSN: 2358-212X, v 5, n 2, 2016. Disponible en: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/546-Texto%20do%20artigo-2276-1-10-20161216.pdf>. Acceso en: 18 abr. 2021.

CULLER, J. **Teoria literária: uma introdução**. Traducción: Sandra Vasconcelos. São Paulo, Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DA SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: Da Silva, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 12ª Edição: Editora Vozes, 2003.

EAGLETON, T. **Una introducción a la teoría literaria**. Traducción: José Esteban Calderón. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1998.

FREITAS, L. L. Literatura de resistência e feminista na constituição das identidades dos estudantes do curso de letras-espanhol. In: FREITAS, L. L. **A constituição de identidades dos estudantes do curso de letras-espanhol por meio da literatura de resistência e feminista**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguagens: práticas e representações). Universidade Federal do Pará (UFPA).

FUENTE, J. A. Literatura latinoamericana. In: **Pensamiento crítico latinoamericano: conceptos fundamentales**. 2005, p. 601-616. v 2. ISBN 956-7947-33-3. Disponible en: [http://biblioteca-digital.ucsh.cl/greenstone/collect/libros\\_respaldofull/archives/HASH0121.dir/Pensamiento%20critico%20II.pdf](http://biblioteca-digital.ucsh.cl/greenstone/collect/libros_respaldofull/archives/HASH0121.dir/Pensamiento%20critico%20II.pdf). Acceso en: 18 abr. 2021.

FUENTES, C. **Aura**. México, Editora Era, 2001. ISBN: 968-411-181-9. Dispone en: [https://brasil.cervantes.es/imagenes/file/biblioteca/pdf/carlos\\_fuentes\\_aura.pdf](https://brasil.cervantes.es/imagenes/file/biblioteca/pdf/carlos_fuentes_aura.pdf). Acceso en: 08 abr. 2021.

GONZÁLEZ, M. O. Notas sobre la presencia mapuche en la literatura chilena. In: **Kipus Revista Andina de Letras y Estudios Culturales**. 2008. Disponible en: [file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Notas\\_sobre\\_la\\_presencia\\_mapuche\\_en\\_la\\_literatura\\_.pdf](file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Notas_sobre_la_presencia_mapuche_en_la_literatura_.pdf). Acceso en: 16 jun. 2021.

GROSSBERG, L. El corazón de los estudios culturales: contextualidad, construccionismo y complejidad. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 10, p. 13-48, enero-junio, 2009. ISSN: 1794-2489. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39612022002>. Acceso en: 04 abr. 2021.

GUERRERO, G. M. L. **INVOCACIÓN: Aura, de la literatura al drama**. Escuela de Posgrados. Colombia, 2017. Disponible en: <https://repositorio.uptc.edu.co/bitstream/001/1945/1/TGT-704.pdf>. Acceso en: 22 abr. 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Traducción: Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. DP&A, Rio de Janeiro, 2006. ISBN: 85-7490-402-3.

JAMESON, F. **Los estudios culturales**. 1. ed. Traducción: Matías Battistón. Buenos Aires, 2016. ISBN 978-9-8738-4799-8. Disponible en: <https://edicionesgodot.com.ar/wp-content/uploads/2020/04/jameson-culutral-studies-preview.pdf>. Acceso en: 04 abr. 2021.

LANTARÓN, B. S. Whatsapp: su uso educativo, ventajas y desventajas. In: **Revista de Investigación en Educación**, n. 16, 2018, pp. 121-135. eISSN: 2172-3427. Disponible en: <http://reined.webs4.uvigo.es/index.php/reined/article/view/342/386>. Acceso en: 22 mayo 2021.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. ed. 5, Atlas, São Paulo, 2002. ISBN 85-224-3263-5. Disponible en: <https://docero.com.br/doc/ss51sn>. Acceso en: 20 mayo 2021.

NAVARRO, J. Lectura y Literatura. In: **Lectura y Vida**, n. 3, Cali, Colombia, 1980. Disponible en: <http://www.lecturayvida.fahce.unlp.edu.ar/numeros/a1n3>. Acceso en: 06 mayo 2021.

PEÑA, M. D. Los rasgos identitarios presentes en la Literatura Latinoamericana: su contribución a la formación integral del profesional de la carrera Español-Literatura. In: **Opuntia Brava**, v. 10, n. 2, p. 232-242. 2018. ISSN: 2222-081X. Disponible en:

<http://opuntiabrava.ult.edu.cu/index.php/opuntiabrava/article/view/101> Acesso em: 19 abr. 2021.

PÉREZ GOMÉZ, A. I. **A Cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000. Disponível en: <https://pedagogiaseberi.files.wordpress.com/2014/06/pimentasaberes-pedagc3b3gicos-e-atividade-docente-identidaed-e-saberes.pdf>. Acceso en: 12 abr. 2021.

PIRES, H. B. TDICs: ferramentas auxiliaadoras do sistema educacional. In: WELINGTON, W. J.; JUNIOR, C. A. **Da educação básica ao ensino superior: os desafios dos docentes no século XXI**. v. 2, p. 113-119 Uniedusul, Paraná, 2020. DOI: 10.29327/518324.2-11. Disponível en: <https://www.uniedusul.com.br/wp-content/uploads/2021/02/E-BOOK-DA-EDUCACAO-BASICA-AO-ENSINO-SUPERIOR.pdf>. Acceso en: 22 mayo 2021.

RAMA, Á. El boom en perspectiva. In: **Signos Literarios**. 2005, p. 161-208. Disponível en: <https://signosliterarios.izt.uam.mx/index.php/SL/article/view/145/145>. Acceso en: 16 jun. 2021.

ROJO, G. Identidad y literatura. In: **Revista de sociología**. n 15, 2001. ISSN: 0719-529X. Disponível en: <https://revistadesociologia.uchile.cl/index.php/RDS/article/view/27771/29441>. Acceso en: 14 abr. 2021.

SEÑAS: **diccionario para la enseñanza de lengua española para brasileños** / Universidad de Alcalá de Henares. Departamento de filología. Traducción Eduardo Brandão, Claudia Berlinder. ed. 3. WFM Martins Fontes, São Paulo. 2010.

SILVA, G. P. Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial. In: **Anais do 30º Simpósio Nacional de História. Associação Nacional de História – ANPUH**, Brasil, 2019. ISBN: 978-85-98711-21-8. Disponível en: Acceso en: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553116115\\_ARQUIVO\\_NOCOESDEIDENTIDADEDESTUARTHALL.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553116115_ARQUIVO_NOCOESDEIDENTIDADEDESTUARTHALL.pdf). Acceso en: 04 abr. 2021.

SORS, C. M. De aura en adelante: el tiempo reconstruido por Carlos Fuentes. In: **Rassegna iberistica**, n. 75-76, p. 27-41, Bulzoni editore, Roma, 2002. ISSN 0392-4777. Disponível en: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/75-76%20intero.pdf>. Acceso en: 29 mayo 2021.

SOSA, M. B. Una teoría de la lectura en Aura de Carlos Fuentes. In: Cuadernos de Humanidades, n. 15, p. 237-244. 2004. ISSN 2683-782X. Disponible en: file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/652-2098-1-SM.pdf. Acceso en: 13 mayo 2021.

TAMAYO, M. C. La mujer en el tiempo: una lectura de Aura. In: **Pensamiento Humanista**. n. 11, enero-diciembre, p. 55-69, Medellín-Colombia, 2014. ISSN 0122-9168. Disponible en: <https://repository.upb.edu.co/bitstream/handle/20.500.11912/7988/La%20mujer%20en%20el%20tiempo.%20Una%20lectura%20de%20Aura.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acceso en: 15 mayo 2021.

TODOROV, T. **Introdução á literatura fantástica**. Versão brasileira à partir do espanhol: Digital Source, 1981. Disponible en: <https://document.onl/documents/introducao-a-literatura-fantasticapdf.html>. Acceso en: 05 jun 2021.

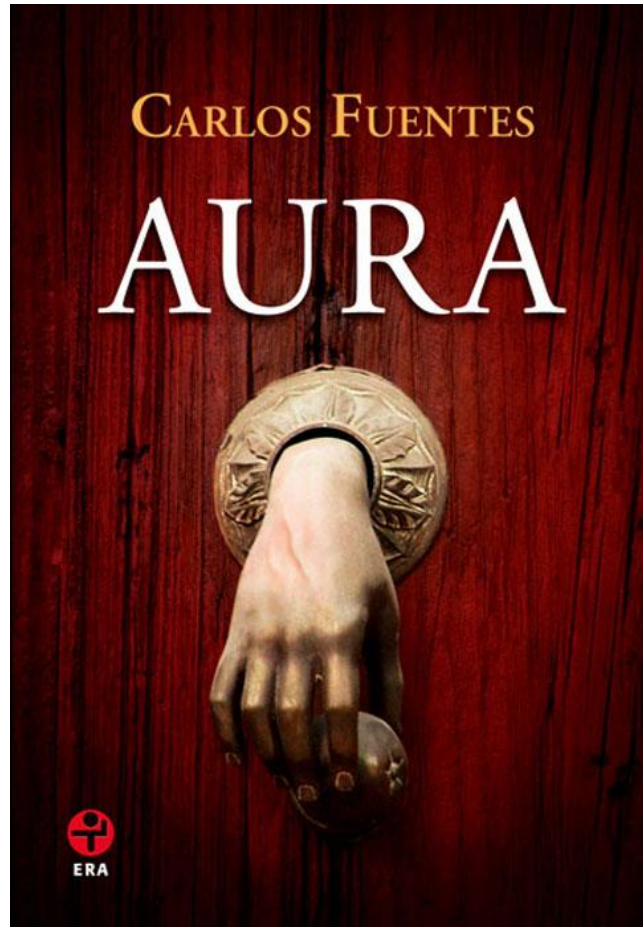
TORRES, S. M. Literatura e identidad cultural. In: **Estudios filológicos**. n. 41, p. 131-143, 2006. ISSN 0071-1713. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.4067/S0071-17132006000100010>. Acceso en: 14 abr. 2021.

VAZQUEZ, F. J. O. Carlos Fuentes y la identidad de México. In: **Revista Iberoamericana**. n. 58, v. 159, p. 527-538. Abril-Junio 1992. ISSN 2154-4794 (Online) Disponible en: file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/5050-19993-1-PB-1.pdf. Acceso en: 22 abr. 2021.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Da Silva, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 12<sup>a</sup> Edição: Editora Vozes, 2003.

## 9. ANEJOS

ANEJO A – Tapa del libro Aura, de Carlos Fuentes en la edición de 2001, por la editora Era.



Disponible en: [https://www.edicionesera.com.mx/media/ediciones\\_era/images/edition-70799.jpg](https://www.edicionesera.com.mx/media/ediciones_era/images/edition-70799.jpg)

ANEJO B – Carlos Fuentes, ganador del Premio Don Quijote de La Mancha en 12/10/2008.



Disponible en: <https://ideasdebabel.wordpress.com/2012/05/20/premio-don-quiote-de-la-mancha-discurso-de-aceptacion-por-carlos-fuentes/>

ANEJO C – Entrevista usada en la obtención de datos para la pesquisa.

**LA LITERATURA HISPANOAMERICANA COMO CONTRIBUYENTE EN LA  
CONSTITUCION DE LA IDENTIDAD DE LOS APRENDIENTES DE E/LE: UN  
ANÁLISIS DE LA OBRA AURA DE CARLOS FUENTES**

Hernandes Baia Pires<sup>29</sup>

**1. SOBRE LA PESQUISA**

Durante la construcción de este trabajo, cuyo objetivo es identificar, en la obra *Aura* de Carlos Fuentes, cargas de identidad – histórica, social y/o cultural – que puedan influir en la constitución identitaria de un/a aprendiente de E/LE, se notó la necesidad de utilizarse de una pesquisa de carácter cualitativo con la finalidad de identificar si la obra en cuestión suscita el fenómeno del desplazamiento identitario (HALL, 2006) en los estudiantes de la graduación en Letras – Lengua Española, de la Universidad Federal de Pará (UFPA) – Campus de Abaetetuba.

En este sentido, se presenta, a continuación, un resumen breve de la novela *Aura* del escritor mexicano Carlos Fuentes y luego se sigue una lista con 10 (diez) preguntas cuyas contestaciones van a constituir el *corpus* del debate acerca de la constitución identitaria de los aprendientes de ELE.

**2. AURA, DE CARLOS FUENTES**

Como ya dicho, este trabajo se construye tras el objetivo de identificar, en la obra *Aura* de Carlos Fuentes, cargas de identidad – histórica, social y/o cultural – que puedan influir en la constitución identitaria de un/a aprendiente de E/LE. En este sentido es importante destacar que la elección de esta obra se basó en el hecho de que los escritos de Fuentes, al paso que tratan de la cuestión de la identidad nacional, destacan el papel fundamental de la historia cultural, y sus temas principales son la conquista de las Américas, el sincretismo que existe como resultado de esto y la cultura moderna que existe hoy día (CAMPBELL, 2005).

Ya *Aura*, fue elegida por ser una novela fantástica, situada en Ciudad de México, en 1961. Narra la historia de Felipe Montero, un joven historiador al que le será encomendada la tarea de ordenar y terminar de escribir las memorias del general Llorente por parte de doña Consuelo, su viuda, con la condición de que deberá vivir en la casa junto con ella y su sobrina,

---

<sup>29</sup>Alumno de la carrera de Letras – Lengua Española de la Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus universitario de Abaetetuba. Correo electrónico: hernandespires99@gmail.com

Aura, mientras realice el trabajo. El ambiente de la casa no es nada más que raro: está permanentemente a oscuras para no avivar el recuerdo del general fallecido, apenas iluminada con luz de velas, y con un mobiliario y una decoración antiguos, como si en la casa el tiempo no hubiera pasado.

En síntesis, la labor de lectura y ordenación de los manuscritos del general, redactados en francés, llevará a Felipe a explorar los entresijos de la vida política mexicana del siglo XIX y a conocer, de primera mano, la historia de su enamoramiento con doña Consuelo y el gradual proceso de deterioro de la mujer que, a su vez, incapaz de concebir hijos para el general, en su sentimiento de culpabilidad, empieza a experimentar con una serie de rituales mágicos que recuerdan a las prácticas de brujería (cría conejos y gatos, sacrifica a machos cabríos, se alimenta únicamente de vísceras, convive con ratones, etc.), lo cual contrasta con la imagen que ofrece a Felipe: la de una anciana muy devota del catolicismo.

Pero Felipe empieza a darse cuenta de que la forma en que se comportan doña Consuelo y Aura se escapa de lo común. La anciana y la sobrina tienen una extraña relación en la que doña Consuelo tiene poder para controlar lo que hace y dice Aura, sus gestos y movimientos. Luego Felipe se encuentra enamorado de Aura, y en la idea de que la joven es una prisionera de la anciana, le propone liberarla, pero esta se niega, y en el último de los dos encuentros amorosos que mantienen se percata de que la vieja y la joven son la misma persona, como si la anciana hubiera desarrollado un poder mágico para controlar a Aura con la finalidad de poder concebir el hijo que no pudo darle al general. En ese punto, Felipe se dará cuenta de que ha asumido también él la persona del general al igual que Aura se ha transformado en doña Consuelo en sus tiempos de juventud.

### 3. ENTREVISTA

1. ¿Qué comprendes del término “*Identidad*”?

---



---



---



---

2. Según sus concepciones, ¿cómo se constituye y se expresa una *Identidad*?

---



---



---



---

3. ¿De qué manera es posible expresar, nítidamente, nuestra identidad, sea cultural, artística, musical, política, etc?

---



---



---



---

4. ¿Alguna vez, bajo la lectura de un texto, has notado en él rasgos identitarios (nacional, histórico o particular del autor o autora)? Ejemplifique.

---



---



---



---

5. ¿Usted cree que la identidad puede ser trabajada/expresada por medio de la literatura? Justifique:

---



---



---



---

6. ¿Cres que el contacto con otras identidades te puede influenciar? ¿Cómo? Cite ejemplos de influencias que ha sufrido su identidad:

---



---



---



---

A continuación, lea los trechos de la obra *Aura*<sup>30</sup> de Carlos Fuentes y conteste:

<b>Trecho 1</b> (Cap. 1, p. 5)	<b>Trecho 2</b> (Cap. 2, p. 15; 21; 25)
<p>Siempre has creído que en el viejo centro de la ciudad no vive nadie. Caminas con lentitud, tratando de distinguir el número 815 en este conglomerado de viejos palacios coloniales convertidos en talleres de reparación, relojerías, tiendas de zapatos y expendios de aguas frescas. Las nomenclaturas han sido revisadas, superpuestas, confundidas. El 13 junto al 200, el antiguo azulejo numerado «47» encima de la nueva advertencia pintada con tiza: ahora 924.</p>	<p>—¿Se encuentra cómodo?  —Si. Pero necesito recoger mis cosas en la casa donde...  —No es necesario. El criado ya fue a buscarlas.  [...] caminas al baño, donde encuentras todas tus cosas dispuestas en una mesa, tus escasos trajes colgados en el ropero.  [...] Quisieras intervenir en la conversación domestica preguntando por el criado que recogió ayer tus cosas, pero al que nunca has visto, el que nunca sirve la mesa.</p>

<sup>30</sup> Disponible en: [https://brasil.cervantes.es/imagenes/file/biblioteca/pdf/carlos\\_fuentes\\_aura.pdf](https://brasil.cervantes.es/imagenes/file/biblioteca/pdf/carlos_fuentes_aura.pdf)

Trecho 3 (Cap. 3, p. 21; 23)	Trecho 4 (Cap. 4, p. 38)
<p>[...] en el librero puedes alcanzar el tragaluz, abrir uno de sus vidrios, elevarte con esfuerzo y clavar la mirada en ese jardín lateral [...]</p> <p>—Está bien, señora. ¿Podría visitar el jardín?</p> <p>—¿Cual jardín, señor Montero?</p> <p>—El que está detrás de mi cuarto.</p> <p>—En esta casa no hay jardín. Perdimos el jardín cuando construyeron alrededor de la casa.</p>	<p>—¿Me querrás siempre?</p> <p>—Siempre, Aura, te amare para siempre.</p> <p>—¿Siempre? ¿Me lo juras?</p> <p>—Te lo juro.</p> <p>—¿Aunque envejezca? ¿Aunque pierda mi belleza? ¿Aunque tenga el pelo blanco?</p> <p>—Siempre, mi amor, siempre.</p> <p>—¿Aunque muera, Felipe? ¿Me amarás siempre, aunque muera?</p> <p>—Siempre, siempre. Te lo juro. Nadie puede separarme de ti.</p>

7. En los trechos de arriba, ¿es posible identificar rasgos identitarios (cultural, histórico, particular del autor, etc.)? ¿Cuáles usted identifica?

---



---



---



---

8. Carlos Fuentes, al escribir *Aura*, transpone en sus letras trazos de la identidad mexicana, ¿logras usted a identificar algo de eso?

---



---



---



---

9. ¿Cres que el contacto con elementos culturales, históricos, colectivos y personales de la lengua española ha generado cambios en su identidad? Justifique.

---



---



---



---

10. Teniendo en la mente que las identidades se constituyen a partir del contacto con el “otro” (sea por medio de la semejanza o de la diferencia), imagínate la manera distinta que brasileños/as y mexicanos/as miraran hacia la muerte, de especial modo en el día 02 de noviembre, ¿crees que conocer la fiesta mexicana de *Día de muertos* pude suscitar cambios en su percepción sobre esta temática?

---



---



---



---